



Isabela Nascimento O'Grady

Lazer junto com as Mães: restrições ao lazer infantil

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Administração de Empresas do Departamento de Administração da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Paulo Cesar de Mendonça Motta

Rio de Janeiro

Abril de 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



Isabela Nascimento O'Grady

Lazer junto com as Mães: restrições ao lazer infantil

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Administração de Empresas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Paulo Cesar de Mendonça Motta

Orientador

Departamento de Administração – PUC-Rio

Prof. Hélène Bertrand

Departamento de Administração - PUC-Rio

Prof. Mônica Zaidan Gomes Rossi

FACC- UFRJ

Prof. João Pontes Nogueira

Vice-Decano de Pós-Graduação do CCS

Rio de Janeiro, 9 de abril de 2007

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Isabela Nascimento O'Grady

Pós-graduou-se em Administração de Empresas com ênfase em Marketing no ano de 1998 pela New York University, NY, EUA. Graduou-se em Administração de Empresas em 1996 pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Possui 10 anos de experiência na área de Marketing, sendo os últimos 6 anos atuando em empresas do setor de Telecomunicações.

Ficha Catalográfica

O'Grady, Isabela Nascimento

Lazer junto com as Mães: restrições ao lazer infantil / Isabela Nascimento O'Grady ; orientador: Paulo Cesar de Mendonça Motta. – 2007.

85 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Administração) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Inclui bibliografia

1. Administração – Teses. 2. Restrição ao lazer. 3. Público infantil. 4. Mãe. 5. Marketing. I. Motta, Paulo César de Mendonça. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Administração. III. Título.

CDD: 658

*Ao meu marido e meu filho a quem
tanto amo e compartilho todos os
aspectos da minha vida.*

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, professor Paulo César Motta pela sua enorme paciência, suporte e orientação para a realização deste trabalho.

Ao meu marido, meu amor e meu melhor amigo, por sua força incondicional, pelos seus comentários e sugestões. Agradeço por todo o apoio que me deu nos momentos mais difíceis desta jornada.

Ao meu filho, pela energia e todo o amor que sua chegada trouxe para minha vida. E a minha filha, que ainda na barriga já me mostra as maravilhas de como é bom ser mãe.

Aos meus pais e irmãos, agradeço pelo carinho, suporte emocional e toda força que sempre me deram mesmo a distância. Agradeço a vocês por se fazerem sempre presentes em minha vida.

A todos os meus amigos que estiveram sempre ao meu lado e me estimularam para finalizar este trabalho.

Ao amigos que fiz no mestrado, que tanto contribuíram para a troca constante de experiências e que hoje continuam a fazer parte da minha vida.

Agradeço as pessoas que abriram mão de seu tempo para participar da pesquisa de campo realizada neste estudo e que compartilharam comigo suas experiências, sentimentos e opiniões. Sua contribuição foi vital para o resultado deste trabalho.

De forma especial, dedico este estudo ao meu avô que em breve não estará mais entre nós e que com todo o seu carinho sempre foi um grande incentivador da minha carreira e dos meus estudos. Que a sua energia positiva permaneça sempre entre nós.

Resumo

O'Grady, Isabela Nascimento; Motta, Paulo Cesar de Mendonça (Orientador). **Lazer junto com as Mães: restrições ao lazer infantil**. Rio de Janeiro, 2007. 85p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho tem como objetivo principal a identificação dos fatores que impedem ou restringem o consumo de atividades de lazer infantil, adotando como base o modelo de restrições ao lazer desenvolvido por Crawford, Jackson e Godbey (1991). Com a finalidade de entender como se dá a escolha do lazer infantil e identificar as restrições existentes, foram pesquisadas mães pertencentes a diversas gerações. Esta abordagem foi adotada pois estudo pretende investigar possíveis diferenças de atitudes frente às restrições ao consumo do lazer infantil pelo target pesquisado. Os dados foram coletados através da utilização da metodologia de pesquisa qualitativa por meio de entrevistas em profundidade e grupos de foco. Os resultados obtidos sugerem que não existem fortes restrições por parte das mães no consumo de atividades de lazer de seus filhos. As barreiras intrapessoais não apresentaram importância significativa para este target. No entanto, independentemente da geração a que pertence a mãe, foram encontrados fortes indícios de barreiras interpessoais e estruturais que se constituem em um importante objeto de estudo, uma vez que impactam diretamente a vida familiar e social da população em geral. As conclusões deste estudo objetivam contribuir para a formulação de estratégias de empresas pertencentes à indústria do entretenimento, bem como subsidiar estratégias de atuação do governo no que tange a investimentos ou financiamentos de projetos de entretenimento para o público infantil.

Palavras-chave

Restrição ao Lazer, Público Infantil, Mãe, Marketing.

Abstract

O'Grady, Isabela Nascimento; Motta, Paulo Cesar de Mendonça (Advisor). **Leisure along with the Mothers: Children's leisure constraints.** Rio de Janeiro, 2007. 85p. MSc Dissertation – Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The purpose of the present study is to identify the factors that prevent or restrict the consumption of children's leisure activities. In order to achieve the proposed objectives the Constraints to Leisure model developed by Crawford, Jackson and Godbey (1991) was used. To better understand how the Children's leisure decisions are taken and to identify its associated constraints mothers of several generations were chosen as subjects to participate in the field research. This kind of approach was selected as way a to identify different attitudes concerning the topic among the target. The data was collected through qualitative research methodology, using as tools focus groups and in-depth interviews. The results demonstrated that the constraints identified did not represent an issue for the mothers while engaging in leisure activities with their children. The intrapersonal barriers haven't shown any relevance for the target. However, all mothers interviewed, regardless of their age, pointed out various interpersonal and structural barriers that can have a direct impact in their day-to-day lives, concerning both family and social aspects. The findings achieved in this study are relevant to help companies in the entertainment industry to build more accurate and efficient marketing strategies and also to help the government by providing information that could support decisions concerning investments and financing projects related to the kids entertainment.

Keywords

Leisure Constraints, Child Audience, Mother, Marketing.

Sumário

1. Introdução	10
1.1. Contextualização	10
1.2. Objetivos	13
1.3. Relevância do Estudo	14
1.4. Delimitação do Estudo	15
1.5. Organização do Trabalho	15
2. Revisão da Literatura	17
2.1. Comportamento do consumidor	17
2.2. A criança como consumidor	18
2.3. O Marketing e a criança	19
2.4. A Participação das Mulheres na Sociedade	21
2.5. Conceituação do Lazer	23
2.6. O Lazer Infantil	24
2.7. O Lazer em família	27
2.8. O Lazer e a Mulher	28
2.9. Restrições à participação em atividades de lazer	29
3. Metodologia	37
3.1. Tipo de Pesquisa	37
3.1.1. Conceituação	37
3.1.2. Ferramentas Qualitativas Utilizadas no Estudo	38
3.2. Desenvolvimento do Trabalho de Campo	39
3.2.1. Etapas do Trabalho de Campo	39
3.2.2. Seleção dos Sujeitos	40
3.2.2.1. Perfil das Entrevistadas	42
3.2.3. Coleta de Dados	43
3.2.4. Tratamento dos Dados	44
3.2.5. Limitações do Método	45
4. Análise dos Resultados	46
4.1. Perfil das Entrevistadas	46
4.2. Barreiras Intrapessoais	47
4.2.1. Cansaço	47
4.2.2. Culpa	48
4.2.3. Medo	49
4.2.4. Stress	49
4.2.5. Motivação	50
4.2.6. Algumas Considerações	51
4.3. Barreiras Interpessoais	52
4.3.1. Cônjuge	52
4.3.2. Família	53
4.3.3. Filhos	54
4.4. Barreiras Estruturais	55
4.4.1. Tempo	55

4.4.2. Segurança	58
4.4.3. Clima	59
4.5. Modelo de Restrições ao Lazer (Crawford, Godbey & Jackson, 1991) Revisitado	61
4.6. Considerações Finais	62
4.6.1. Cuidado com os Filhos	62
4.6.2. O Papel da Escola	64
4.6.3. Resgate das Mulheres	65
4.6.4. Condomínios	68
5. Conclusão e Recomendações para Estudos Futuros	69
5.1. Barreiras Intrapessoais	69
5.2. Barreiras Interpessoais	71
5.3. Barreiras Estruturais	71
5.4. Recomendações para Estudos Futuros	72
5.5. Considerações Finais	73
6. Referências Bibliográficas	74
7. Anexos	77
7.1. Roteiro Entrevistas em Profundidade	77
7.2. Roteiro Grupo de Foco – Mães mais novas que trabalham	79
7.3. Roteiro Grupo de Foco – Mães mais novas que <u>não</u> trabalha	81
7.4. Roteiro Grupo de Foco – Mães mais velhas que trabalham	83

1

Introdução

1.1

Contextualização

É de conhecimento de todos que a humanidade foi extremamente beneficiada com a diminuição da jornada de trabalho conseguida através do aumento da produtividade a partir da revolução industrial. Os indivíduos efetivamente passaram a usufruir do chamado tempo livre, o tempo de "não trabalho", onde se podia fazer o que quisesse.

No entanto, esse tempo livre claramente não é mais o mesmo para as gerações mais novas do nosso país, que enfrentam uma carga de trabalho muito maior do que as gerações passadas, fruto do altíssimo nível de competitividade que o mercado de trabalho alcançou (Revista Exame, 2006). Como conseqüência, temos uma diminuição sensível no tempo em que os indivíduos despendem com o lazer, bem como o tempo livre que possuem para participar com seus filhos, em sua educação, em suas atividades de lazer ou quaisquer outras atividades.

Um fenômeno mais específico que vem afetando diretamente as mães ao longo dos anos, é a participação cada vez mais ativa da mulher no mercado de trabalho. Esse fato vem gerando uma mudança significativa em diversos aspectos que envolvem a relação mãe e filho, especialmente no tempo que esta dedica a esse filho, seja ele em momentos de lazer ou outros.

Como conseqüência imediata desta mudança, a mulher passou a ter que contar com uma estrutura de apoio que garanta o bem estar de seu filho. Seja dentro de sua própria casa (contratando pessoas ou contando com a ajuda de parentes) ou através da utilização de instituições especializadas (creches, escolas, etc.), ela pode ter sua carreira e se ausentar de casa sem ter que se preocupar com o bem estar de seu filho.

Um outro fato importante que vem se consolidando ao longo dos anos e que influenciou diretamente as gerações mais novas é o aumento significativo da competitividade do mercado de trabalho. Já não é suficiente freqüentar uma boa

faculdade, falar um idioma estrangeiro e fazer uma pós-graduação para que um profissional seja bem sucedido. A exigência de qualificação é muito maior porque hoje o número de atribuições dos funcionários também é muito maior – esse novo perfil de profissional que a área de Recursos Humanos costuma chamar de “profissional polivalente”, “que joga nas onze”.

É possível identificar conseqüências importantes para as mães com relação a essa competitividade exacerbada que enxergamos no mercado de trabalho. Dentre elas, existem alguns movimentos interessantes a serem abordados.

Dentre as mães que hoje estão inseridas no mercado de trabalho, é possível identificar uma tendência de mudança na decisão dessas pessoas em terem filho ainda em idade jovem. Hoje em dia, conhecer mulheres com 30 anos ou mais que ainda não tenham filhos, mesmo considerando aquelas com uma relação estável, ocorre com mais freqüência do que décadas passadas. Mas isso não significa que elas aboliram a vontade de ser mãe.

Segundo pesquisa do Datafolha de 1998 sobre a família brasileira, o casamento encontra simpatizantes mais freqüentes nas gerações mais velhas. Entre os que foram jovens nos anos 40 ou anteriormente, o índice de importância do casamento chega a 45%, caindo para 28% nos anos 70 (pessoas que têm entre 35 e 44 anos) e 30% entre os integrantes da geração 90 (pessoas com idade entre 16 e 24 anos).

Os dados acima apresentados corroboram com o fato de que muitas dessas mulheres estão colocando a carreira profissional em primeiro plano. Um dos argumentos é obter uma situação financeira estável para constituir uma estrutura familiar mais tranqüila. E por isso que observamos cada vez mais mulheres optando por ter filhos com uma idade mais avançada do que se costumava ver. Nesse momento de vida, muitas delas já se realizaram profissionalmente e estão financeiramente mais estabelecidas. Dado o momento em que estão vivendo com relação à competitividade do mercado de trabalho, estar numa posição mais confortável se torna algo desejável por muitas.

Talvez seja possível encontrarmos mulheres que estão entrando num movimento inverso ao que vinha sendo delineado por várias gerações, ou seja, elas lutaram por direitos iguais, conquistaram posições jamais imaginadas dentro das organizações, mas estão chegando a conclusão que isso nem sempre é o ideal, suficiente e, quem sabe, prazeroso. Onde fica o tempo pra vida pessoal? E de

forma mais especial, como fica a educação e o acompanhamento do crescimento dos filhos? Será que vale a pena sacrificar o relacionamento familiar em prol de uma carreira estressante, porém rentável? Enfim, os questionamentos são muitos.

Diante destes questionamentos, poderíamos especular a respeito do surgimento de dois movimentos entre as mulheres que encontram-se hoje atuantes no mercado de trabalho: o de mulheres que pensam em migrar do setor privado para o público, buscando maior qualidade de vida, e o de mulheres que, por pertencerem a classes sociais mais privilegiadas, consideram investir em um negócio próprio ou até mesmo parar de trabalhar para se dedicar aos filhos.

A principal vantagem comumente relatada por pessoas que trabalham no setor público é ter horários de trabalho mais regrados. E dado que a segurança do emprego está garantida através de concurso público, é possível trabalhar de forma mais tranquila, evitando o grande *stress* que se tornou o mercado de trabalho no setor privado.

A configuração existente hoje no mercado de trabalho está refletindo sobremaneira o dia-a-dia das gerações ainda mais novas. As crianças de hoje possuem rotinas bem mais estressantes do que as crianças de gerações passadas, rotinas essas preenchidas com um número cada vez maior de atividades (Estudo “A Descoberta do Brincar”, Instituto Ipsos/2006). Seja porque as mães precisam que seus filhos estejam ocupados para que elas possam trabalhar tranquilas, seja porque elas querem que seus filhos desenvolvam uma série de habilidades (idiomas, computação, aulas de teatro, etc) que possam lhes garantir um futuro melhor. E não há como dizer que esses dois motivos não sejam legítimos, uma vez que eles retratam a realidade em que vivem os pais de hoje – as mulheres sendo obrigadas a contribuir cada vez mais com a renda familiar e, ao mesmo tempo, enfrentando um mercado de trabalho extremamente competitivo.

Da mesma forma nota-se que já existem mulheres que estão querendo “desacelerar” seu ritmo de vida, também existem aquelas que já estão preocupadas em limitar a quantidade de atividades realizadas por seus filhos. O motivo principal para isso poderia ser o fato dessas mães não quererem que seus filhos se sintam pressionados, e que vivam o *stress* que elas vivem ou viveram. E se essa preocupação se tornar uma tendência, talvez as gerações futuras consigam reverter esse movimento tão frenético do mercado de trabalho e, quem sabe, terem uma carreira um pouco mais tranquila e com menos pressões.

Diante do cenário acima relatado, é de se esperar que um estudo exploratório poderá levantar questões interessantes a respeito das restrições encontradas pelas mães na hora da realização de atividades de lazer por seus filhos. Talvez encontremos diferenças importantes se analisarmos diferentes gerações de mães.

A partir da situação apresentada, o objetivo final deste trabalho é: **realizar um estudo exploratório que tenha como fundamento principal um modelo de Restrições ao Lazer, focado no público infantil e utilizando a ótica de suas mães.**

1.2

Objetivos

Visando entender os fatores que restringem a prática de atividades de lazer pelo público infantil levando em consideração a influência das mães pertencentes a diferentes gerações neste processo, esse estudo tem como objetivo fazer um levantamento, explorando a problemática envolvendo as seguintes questões:

- Quais são os fatores internos e externos que mais restringem a participação de crianças em atividades de lazer?
- Identificar como funciona a dinâmica mãe-filho com relação às restrições e como se dão as negociações para a participação entre esses dois sujeitos e entre eles e outros sujeitos?
- Qual é a influência do pai ou de alguma configuração familiar específica nas restrições observadas?
- Qual a influência da geração a que pertencem às mães e do fato de trabalharem ou não na percepção de restrições a participação em+ atividades de lazer?

1.3

Relevância do Estudo

O lazer tem sido estudado sob diversas óticas: sociologia, psicologia, economia, entre outras. Ainda assim, existem poucos estudos relacionados a este tema no Brasil, tornando-se interessante como um assunto a ser mais explorado. Portanto, o presente estudo pretende ampliar os conhecimentos já adquiridos por essas áreas e gerar uma nova ótica de análise deste assunto, tendo como base o modelo de Restrições ao Lazer de Crawford, Jackson & Godbey (1991) aplicado ao público infantil, sob a óticas das mães. Além disso, pretende-se analisar a escolha do Lazer Infantil por mães pertencentes a diversas gerações.

Embora seja relativamente recente, como são as próprias características atuais do lazer, a indústria a ele ligada é hoje uma das mais importantes atividades econômicas (segundo pesquisa de orçamentos familiares IBGE 1996, o Lazer responde por 8% da despesa média mensal familiar no Brasil). E não se trata apenas do porte econômico. Ao seu lado e em boa parte por força dele, a indústria do lazer emprega consideráveis contingentes de mão-de-obra. Isso lhe confere, então, elevado alcance social. Sabemos que as atividades desse ramo situam-se principalmente no setor de serviços, o menos atingido pelo crescente desemprego (Celso Leite, 1995).

As mudanças que as mulheres estão vivenciando nas últimas décadas (maior inserção no mercado de trabalho, participação mais ativa na renda da família, menos tempo para dedicar aos filhos, questionamentos sobre a importância da carreira x maternidade *full time*, etc.) são muito relevantes e talvez levem a formação de um “novo perfil de mãe”. Esse fato pode influenciar diretamente no delineamento de uma nova geração de crianças que podem ser fruto deste momento que suas mães e também seus pais estão vivendo. É de se esperar que haja a formação de um novo segmento de consumidores (nicho de mercado) a ser trabalhado pelos profissionais de marketing.

Nesse contexto, torna-se interessante estudar esse público, mais especificamente como ele se comporta com relação ao lazer infantil. A partir de um melhor entendimento de seu comportamento, será possível oferecer tanto ao meio acadêmico bem como às empresas do segmento de entretenimento, uma

nova visão deste tema. Isso permitirá o desenvolvimento de novos serviços que possam atender às necessidades e anseios destes consumidores.

1.4

Delimitação do Estudo

Este estudo teve como objetivo identificar os fatores que restringem a escolha das mães com relação ao lazer de seus filhos, como se dão as negociações dessas restrições. Assim sendo, não pretende explicar todos os motivos, fatores e variáveis que de alguma forma possam impactar esta decisão. Para este tipo de aprofundamento, serão necessários futuros estudos que possam complementar esta investigação, para os quais esta pesquisa propiciará subsídios.

A pesquisa foi conduzida através da seleção de sujeitos por conveniência limitada a pessoas residentes na cidade do Rio de Janeiro. O público pesquisado foi composto de mães pertencentes à classe econômica A/B (famílias com renda média mensal superior à 7 salários mínimos), segundo critérios utilizados pelo IBOPE.

Para fins desta pesquisa, foi levada em consideração a determinação do estatuto da criança e do adolescente como forma de estabelecer a faixa etária que denominaremos como crianças: “Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”

1.5

Organização do Trabalho

O capítulo 2 desta dissertação apresenta o referencial teórico de todas as questões que serão investigadas empiricamente através da pesquisa qualitativa realizada.

O capítulo 3 apresenta a metodologia utilizada para realização da pesquisa qualitativa, ou seja, demonstra como se deu a seleção do método de pesquisa adotado, a escolha da amostra, a coleta e o tratamento dos dados.

No capítulo 4 os resultados obtidos a partir da pesquisa são analisados de forma que os dados coletados sejam quebrados em unidades menores e, em

seguida, reagrupados em categorias que se relacionam entre si de forma a ressaltar padrões, temas e conceitos [Bradley, 1993].

Finalmente, o quinto e último capítulo traz a conclusão do estudo.

Os capítulos 6 e 7 deste trabalho são dedicados a apresentação da bibliografia utilizada e os apêndices, respectivamente.

2

Revisão da Literatura

2.1

Comportamento do consumidor

O comportamento do consumidor é definido por Mowen e Minor (2003) como o estudo das unidades de compra e dos processos de troca envolvidos na aquisição, no consumo e na disposição de mercadorias, serviços, experiências e idéias. Como unidades compradoras entenda-se tanto um indivíduo quanto um grupo, caso este seja de compra entre empresas.

Segundo a Associação Americana de Marketing, comportamento do consumidor envolve pensamentos e sentimentos dos indivíduos com relação às experiências vividas e as ações que tomam durante sua decisão de compra. Isso inclui todos os aspectos do ambiente em que estão inseridos (propaganda, comentários de amigos, embalagens de produtos, etc.) que vão influenciar diretamente os pensamentos, sentimentos e ações (Peter & Olson, 2005).

Para Bradley (2003), crenças e atitudes influenciam diretamente o comportamento do consumidor. A combinação desses dois aspectos determina a extensão na qual os consumidores gostam ou não de um produto ou serviço. Para este autor, o cliente decide sua compra em função: i) da importância percebida do produto/serviço; ii) do risco associado ao seu uso; iii) do valor simbólico do produto; iv) do valor hedônico do mesmo.

Os aspectos acima citados vão determinar, ainda, o tempo e o esforço despendidos por um consumidor em seu processo decisório. Aquisições que envolvem consequências sociais ou financeiras (comprar um carro novo ou decidir em qual universidade estudar), são exemplos de compras com alto grau de envolvimento pelo consumidor, por isso demandam mais tempo e esforço do mesmo (Boone & Kurtz, 2002).

Kotler e Armstrong (1993) destacam, porém, que são muitos os fatores que podem influenciar a tomada de decisão e comportamentos do consumidor, tais como, motivações, personalidade, percepções, classe social, entre outros.

O estudo e a compreensão do comportamento do consumidor é extremamente importante, portanto, pois ajuda as organizações a elaborar o seu mix de marketing, segmentar o mercado, posicionar e diferenciar seus produtos; realizar uma análise do ambiente e desenvolver pesquisas de mercado (Mowen; Minor, 2003).

2.2

A criança como consumidor

As crianças de hoje são vistas como consumidoras, elas “precisam de coisas”: brinquedos, tênis, roupas de marca e mega-festas de aniversário, coisas que elas não precisavam há algumas décadas atrás. As crianças desejam possuir estas e muitas outras mercadorias.

As crianças estão repletas de informações e conhecimentos. Desde cedo têm a capacidade de discutir sobre os mais variados assuntos com uma facilidade e propriedade jamais vista. Através dos meios de comunicação – principalmente a televisão – e da Internet, recebem ensinamentos sobre ética, relações sociais, família, comportamento sexual, entre outros. Seja através da curiosidade que é pertinente a esse público, seja através de corporações que, apesar de estarem muitas vezes em outro continente, entram em suas casas todos os dias e participam de seu cotidiano por um número de horas muitas vezes maior do que muitos pais dedicados podem dispor (Pereira, 2003).

A criança passa a ser público alvo, não só da programação infantil, mas dos anunciantes de forma geral. Esta mudança, as torna bastante vulneráveis porque elas deixam de ser resguardadas para se transformarem em indivíduos que são primordialmente consumidores. Como consequência disso, as crianças passaram a ter acesso a informações que antes eram reservadas aos adultos, ou que, pelo menos, precisavam do crivo dos adultos da família para alcançarem as crianças (Inmetro/IDEC, 2002).

As crianças são capazes de influenciar na decisão de compra de seus pais, representando um grande potencial de consumo; sendo mais ativas do que nunca, já escolhem as marcas de roupas, de calçados e dos alimentos que desejam consumir. É fácil encontrar nas lojas produtos que visam atender exclusivamente a clientela infantil, ou então produtos que após sofrerem algumas alterações, passam

a atender não só ao consumidor adulto, mas também ao consumidor infantil (Carter, 2004).

2.3

O Marketing e a criança

Após um longo período se dedicando à segmentação do mercado em diversas categorias, bem como diferentes estilos de vida e até mesmo hábitos de consumo um tanto quanto peculiares, chegou a vez do público infantil – as crianças de até 12 anos de idade. Um movimento claro está sendo feito nesse sentido e já se fazem pesquisas mais profundas e análises mais acuradas sobre o poder de compra das crianças e também sobre a sua influência na decisão de compra dos adultos (Japiassu, 2007).

Isso não quer dizer que as crianças não tenham tido sua importância até os dias de hoje. Prova disso é a programação matutina na TV e seus comerciais totalmente focados neste público. No entanto, agora percebe-se uma maior preocupação em investigar/entender com maior profundidade o comportamento destes jovens consumidores (Inmetro/IDEC, 2002).

A Viacom, dona do canal infantil Nickelodeon, publicou um estudo do mercado infantil mostrando que mais de 40 por cento das compras dos pais são influenciadas pelos filhos e 65 por cento dos pais revelam que ouvem a opinião das crianças sobre os produtos comprados para toda a família, como o carro, por exemplo. Elas dão palpite sobre cores, som, tipo do carro, bancos e até o modelo das portas (Japiassu, 2007).

As crianças e os jovens constituem um alvo publicitário geralmente muito vulneráveis à publicidade, porque não têm uma mentalidade crítica nem a capacidade de ler a verdadeira mensagem que uma determinada publicidade está transmitindo. Além disso, na televisão e nas revistas infantis em quadrinhos elas vêem com a mesma atenção o que é programa ou matéria editorial e o que é anúncio. O mundo fantasioso da infância consome com a mesma intensidade um comercial e um desenho animado, o que vem provocando debates paralelos sobre o que é ou não ético fazer para seduzir as crianças. Segundo uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, as crianças ficam expostas, em média, anualmente, a 30 mil mensagens publicitárias veiculadas pelos meios de comunicação,

inclusive a televisão. Isso significa mais de oitenta mensagens por dia (Honigmann, 2005).

Os questionamentos giram não só em torno da quantidade de abordagens sofridas pelas crianças, mas também da sua qualidade – ou falta dela, melhor dizendo. Muitos comerciais jogam os filhos contra os pais, mostrando as figuras de autoridade como desprezíveis ou ridículas. Promoções publicitárias são inseridas no conteúdo de programas ou postas disfarçadamente nas escolas. O discurso do marketing e da publicidade pressupõe consumidores que são agentes econômicos racionais, mas é claro que tenta contornar seu lado racional e apelar para as emoções (Honigmann, 2005).

Dois exemplos de campanhas publicitárias de sucesso nas quais as empresas abordaram o consumidor infantil de forma bastante persuasiva a ponto de gerar o consumo de seus produtos: a troca das tampinhas de Coca-Cola que eram trocadas por engradados miniatura, contendo 6 garrafinhas do refrigerante (campanha que teve mais de uma inserção ao longo dos anos) e, mais recentemente, a campanha dos bichinhos da Parmalat, a qual obteve tanto sucesso que as crianças só sossegavam quando completavam a coleção dos bichinhos oferecidos e tinham muita dificuldade porque a própria Parmalat não conseguia dar vazão ao volume requisitado (Inmetro/IDEC, 2002).

Será, então, que as grandes marcas buscam fidelizar consumidores ainda crianças para que possam permanecer como seus clientes durante anos, estão errados? Certos ou errados, a realidade é que uma marca que consegue criar esse tipo de relacionamento com o consumidor é uma marca que muito provavelmente será usada para sempre e este esforço para alcançar esse nível de preferência, deve começar desde muito cedo na vida das pessoas. Existem ainda aquelas empresas que vão além, investem na ampliação de suas linhas de produtos de forma a serem capazes de oferecer produtos dirigidos ao mercado infantil. Assim, garantem sua presença desde o princípio junto aos seus consumidores, acompanhando a sua trajetória de vida.

2.4

A Participação das Mulheres na Sociedade

A importância da contribuição das mulheres tanto dentro quanto fora de casa, particularmente nas sociedades industrializadas, mostrou-se um fato incontestável no decorrer do século XX, especialmente porque muitas mulheres se sobressaíram e foram reconhecidas publicamente e, também, por sua participação cada vez mais expressiva no mercado de trabalho (Deem, 1986).

Com um acréscimo de 25 milhões de trabalhadoras entre 1970 e 2002, a importância das mulheres no mercado de trabalho brasileiro vem crescendo ao longo dos anos. Neste período, as mulheres desempenharam um papel muito mais relevante do que os homens no crescimento da população economicamente ativa (IBGE, 2002).

Distribuição dos ocupados por sexo e posição na ocupação Brasil

Posição na ocupação	1970*		2002	
	Homens	Mulheres	homens	mulheres
Empregados	50,9	69,7	59,4	47,0
Trabalhadores domésticos	-	-	0,9	17,4
Autônomos / contas próprias	37,7	18,9	26,5	16,2
Empregadores	1,8	0,3	5,4	2,7
Não remunerados	9,6	11	5,7	9,8
Consumo próprio ***	-	-	2,2	7,0
Total (%)	100	100	100	100
Milhões	23,4	6,1	45,9	32,3

FONTE: FIBGE/Censos Demográficos 1970/80: tab. 21; PNADs 1976 tab. 17; 1990 - tabulações especiais; 1993/95/98 tab. 4.19; 2002 - microdados

* refere-se à PEA, nos demais anos, ocupados

_ desagregação não existente para esse ano

*** consumo e construção próprios ou para o grupo familiar

Segundo a Pesquisa de Orçamentos Familiares conduzida periodicamente pelo IBGE (2002/2003), um aspecto bastante relevante para a decisão das mulheres de ingressar ou permanecer no mercado de trabalho foi à necessidade de prover ou complementar o sustento do lar. Em 2002 foi constatado que ¼ dos chefes de família brasileiros eram do sexo feminino.

Tradicionalmente, os efeitos da maternidade na vida profissional das mulheres eram evidenciados, até a década de 70, pela diminuição das taxas

femininas de atividade a partir da idade de 25 anos, quando, presumivelmente, os filhos ainda eram pequenos.

A partir de meados dos anos 80, entretanto, uma reversão dessa tendência vem se consolidando, indicando que a atividade produtiva fora de casa tornou-se tão importante para as mulheres quanto a maternidade e o cuidado com os filhos.

Ainda que a presença de crianças pequenas seja um limitador real da atividade feminina, outras variáveis podem vir a estimulá-la: a presença de serviços públicos e particulares de atenção à maternidade, a necessidade econômica das famílias para fazer frente, seja ao desemprego de vários de seus membros, seja à renda domiciliar diminuída ou mesmo, ainda que em menor medida, a presença de um maior poder aquisitivo de um segmento de famílias o qual, mesmo na ausência daqueles serviços, propiciam às trabalhadoras o necessário suporte para a sua ausência do lar (IBGE 2002).

É importante ressaltar, no entanto, que o fato das mulheres serem as principais responsáveis pelas atividades domésticas e pelo cuidado com os filhos e demais familiares - o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas - acaba dificultando sua dedicação ao trabalho. Diante desse cenário, é de se esperar que o Lazer fique esquecido e que inúmeras vezes nem entre na equação diária da distribuição do tempo a ser gasto com as diversas atividades que as mulheres que trabalham fora de casa possuem.

Exemplificando concretamente a sobrecarga que enfrentam, confronte-se a grande diferença existente entre a dedicação masculina e a feminina aos afazeres domésticos: os homens gastam nessas atividades, em média, 10,6 horas por semana e as mulheres, 27,2 horas. Outra medida é o número de horas mais freqüente dedicado a essas tarefas: 7 horas semanais para os homens e 20 horas para as mulheres (IBGE, 2002).

Os movimentos de mulheres, nos dias atuais, não podem mais concentrar todas as suas forças na luta pela conquista da igualdade no campo do trabalho - da profissão. Há um longo caminho a ser percorrido com relação às obrigações domésticas e ao tempo do lazer, até mesmo para vivê-lo a dois, mas é fundamental que essa vivência signifique escolha conjunta do que, como e onde fazer, e não apenas submissão e concessão (Marcellino, 1996).

2.5

Conceituação do Lazer

Segundo Celso Leite (1995), o ponto de partida para qualquer idéia de lazer e condição essencial para sua realização é o tempo livre. Nos nossos dicionários, que com frequência começam arrolando sinônimos do termo, quando não se limitam a isso a título de definição, a legitimidade ou licitude do lazer está implícita neles: folga, descanso, vagar, passatempo, diversão, recreação, entretenimento.

Também se costuma considerar lazer o tempo do qual não se necessita para outro fim específico a que se tenha de atender; ou então simplesmente o tempo de sobra.

Comumente conceituado como tempo livre, expressão muito corrente na área de estudos sobre o lazer, existe a idéia do seu emprego de maneira construtiva e, sobretudo para enriquecer a mente, meditar sobre questões complexas, encontrar soluções. É o que os especialistas consideram lazer criativo, acrescentando à noção de tempo livre a liberdade do espírito, numa linha de pensamento muito próxima da que nos vem dos gregos (Leite, 1995).

Por isso, indo além da simples idéia de tempo livre, costuma-se procurar conceituá-lo como algo desligado por completo de qualquer outro objetivo senão o de ocupar prazerosamente o tempo a ele dedicado.

Dardis et al (1984) definiram três categorias de lazer: o ativo, o passivo e o entretenimento social. O lazer ativo inclui um grande número de atividades que demandam esforço físico, tais como corrida, pedalada, pescaria e fotografia. O lazer passivo foi definido como as atividades que não demandam a participação ativa de uma pessoa, tais como assistir TV e escutar rádio. O entretenimento social inclui atividades em que o indivíduo é um espectador, tais como assistir a eventos esportivos (uma partida de tênis, por exemplo), ir ao teatro ou ao museu.

A evolução social e econômica da humanidade envolve, em boa parte, valores culturais, como o lazer, cujo papel é cada vez mais importante; principalmente o lazer ativo, bem distante da idéia antiga de tempo durante o qual não se faz nada (Camargo, 1992).

O tempo de lazer pode ser definido, ainda, como um tempo sem obrigações e atividades de lazer, por sua vez, podem ser definidas como não-

obrigatórias. No trabalho, o tempo que um indivíduo dispõe não é seu. Fora do trabalho, existem certas obrigações que as pessoas devem cumprir, como as obrigações com a família, por exemplo. Quando estas foram cumpridas, o indivíduo tem seu “tempo livre”, no qual seu comportamento é ditado por suas vontades e preferências. É aí que o lazer se encontra (Maureen e Don, 1995).

O tempo livre vem a ser, então, aquilo que mais verdadeiramente possuímos, que é mais nosso, de que mais irrestritamente podemos dispor. Em boa medida, decidir sobre a melhor maneira de empregá-lo só depende de nós mesmos (Leite, 1995)

2.6

O Lazer Infantil

“A atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança”

Piaget

O entendimento da importância de um olhar mais profundo para a infância é um dado muito recente, tanto entre os estudiosos quanto entre as políticas públicas dos diferentes países (Estudo “A Descoberta do Brincar”, Instituto Ipsos, 2006).

Sabe-se hoje que o ato de brincar pode ter impacto positivo em diversas áreas do desenvolvimento das crianças, atuando de forma profilática na saúde física e mental, na sociabilidade e no desenvolvimento motor, com repercussões positivas em dimensões sociais, emocionais e de aprendizado (Estudo “A Descoberta do Brincar”, Instituto Ipsos, 2006).

Sob a ótica dos quatro pilares da educação definidos pela Unesco no Fórum Mundial de Educação para Todos, o grupo gestor deste trabalho apontou que o brincar contribui para o desenvolvimento de todos eles:

1. Aprender a conhecer: Além da aquisição de um repertório de saberes, implica também a consideração do mundo no qual o ser humano está inserido. Envolve o perceber, o observar, o discriminar, o analisar, o sintetizar, o simbolizar e o significar.

2. Aprender a conviver: Desenvolvimento das habilidades e qualidades necessárias para um convívio harmonioso e pacífico, tais como capacidade de negociação e de administração de conflitos, solidariedade, participação na resolução dos problemas que dizem respeito à sociedade, respeito às diferenças, conhecimento de direitos e deveres, consciência da interdependência social e comunitária.
3. Aprender a fazer: Relaciona-se ao desenvolvimento de habilidades psicomotoras necessárias ao planejamento e realização de metas e objetivos visando à auto-sustentação do indivíduo. Inclui ainda: iniciativa, empreendedorismo, espírito crítico, noções de trabalho em grupo, atuação cooperativa e outras competências específicas das ações a serem desenvolvidas.
4. Aprender a ser: Refere-se às qualidades relativas ao desenvolvimento pessoal, tais como autoconhecimento, auto-estima, criatividade, autonomia, capacidade de lidar com as frustrações, independência, confiança em si e no outro, motivação, empatia, entendida como capacidade de se colocar no lugar do outro.

Através das brincadeiras as crianças se desenvolvem. Andar de bicicleta, por exemplo, faz com que a criança entre em contato com a natureza e ao mesmo tempo se exercite. Ao praticar um esporte coletivo, a criança aprende a se socializar com outras crianças, desenvolve sua capacidade de colaboração, se diverte e ainda colabora para a melhora de sua saúde através do exercício praticado (Cabral, 2006).

Até mesmo nas atividades de lazer que a criança realiza sozinha, podemos encontrar benefícios. Ao brincar sozinha, a criança melhora sua capacidade de concentração (ao montar legos, jogar vídeo game ou mesmo pular corda, a criança precisa estar com sua atenção direcionada para a atividade que está sendo realizada), aumenta seu poder de imaginação e, conseqüentemente, sua criatividade (criar histórias de super heróis ou brincar de “casinha” são atividades que fazem com que a criança exercite sua mente buscando informações armazenadas em seu cérebro e criando um universo próprio para cada brincadeira).

Os jogos eletrônicos, por exemplo, não podem ser considerados simples passatempos. Representam uma atividade lúdica criadora e socializadora, pois transportam crianças e adolescentes para experiências diversas, abrindo-lhes as portas para o entendimento da realidade e ajudando-os a construir os valores tomados como próprios. Evidentemente que tais jogos também entretêm e isso explica seu sucesso entre crianças, jovens e adultos. Os jogos permitem ao jogador experimentar, virtualmente, aventuras e emoções que, muito provavelmente, já não são vivenciadas no mundo real. Oferecem aos jogadores a oportunidade - ainda que virtual - de se afirmarem triunfantes sobre alguns obstáculos às capacidades e aos desejos (Cabral, 2006).

Os exemplos acima citados evidenciam de uma forma bem simples a relevância do lazer para o público infantil. Inclusive, a falta dele já foi diagnosticada como nociva por psicólogos, podendo ocasionar o stress infantil, distúrbios de aprendizagem, entre outros problemas (Relatório OMS, 2001).

Portanto, ao zelar pela qualidade do tempo livre que as crianças possuem hoje certamente estaremos influenciando positivamente a vida aquelas que serão responsáveis pelo futuro de nossa sociedade.

A Declaração dos Direitos da Criança, aprovada pelas Nações Unidas, em 20 de novembro de 1959, coloca em seu princípio 7º:

“A criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras, os quais deverão estar dirigidos para a educação: a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício deste direito”.

Já a nossa Constituição, atesta:

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

2.7

O Lazer em família

Em seu estudo sobre o lazer em família e o impacto desse fator na qualidade de vida familiar, Zabriskie e McCormick (2003), constataram que o lazer tem uma importante contribuição na satisfação e qualidade de vida dos indivíduos. Analogamente, o lazer em família contribui positivamente para a qualidade da vida familiar. (Holman, 1981; Holman & Jacquart, 1988; Miller, 1976; Orthner, 1975; Smith, Snyder, & Monsma, 1988).

Resultados de pesquisas vêm demonstrando consistentemente que esposas e maridos que participam de atividades de lazer em conjunto declaram-se mais satisfeitos com seus relacionamentos do que aqueles que não têm este hábito (Holman, 1981; Holman & Jacquart, 1988; Miller, 1976; Orthner, 1975; Smith, Snyder & Monsma, 1988).

Utilizando-se de dados oriundos de 5 anos de pesquisas sobre estabilidade matrimonial e lazer compartilhado entre os cônjuges, Hill's (1988) encontrou uma correlação significativa entre o lazer compartilhado e baixas taxas de divórcio. Ficou evidente que famílias que brincam juntas, realmente permanecem juntas (*families that play together actually stay together*).

Segundo Freysinger (1994), os pais que participam em atividades de lazer com seus filhos:

- Buscam desenvolver um relacionamento próximo com eles;
- Proporcionam exemplos positivos (modelo de comportamento);
- Encorajam as crianças a desenvolver diversas habilidades e interesses;
- Fogem das preocupações e do stress diário;
- Conseguem reviver momentos prazerosos de sua própria infância.

A forma de participação de pais e mães no lazer com seus filhos, geralmente acontece de maneira bem diferente. Os homens tendem a participar menos do lazer em família e, quando participam, buscam atividades mais físicas, especialmente esportes e atividades outdoor. Já as mulheres se envolvem mais com a elaboração do programa, sua organização e se preocupam mais com o bem

estar da família, seja em relação a comida ou quaisquer outras necessidades que possam ter. (Horna, 1989b; Shaw, 1992b).

Em virtude desse tipo de papel que a maior parte das mulheres assume, ela acaba não enxergando o lazer como tal e sim como uma obrigação familiar (Henderson, Bialeschki, Shaw, Freysinger, 1999). Até mesmo porque é ela quem tem a preocupação de organizar e efetivamente “fazer acontecer” o lazer.

2.8

O Lazer e a Mulher

No decorrer da história contemporânea, as mulheres têm sido desafiadas ao tentarem balancear seu tempo entre trabalho, família e vida pessoal. A maior igualdade de papéis que a mulher adquiriu ao longo dos anos na sociedade, trouxe um ônus pesado para ser carregado e muitas vezes estressante. Por outro lado, as oportunidades que surgiram para as mulheres foram muitas, permitindo que façam suas escolhas dentre uma lista muito maior de opções do que existia no passado (Henderson, Bialeschki, Shaw, Freysinger, 1999).

Uma das reivindicações das mulheres americanas, que ainda não foi atendida, é a melhora dos benefícios oferecidos em posições de trabalho de meio período. Levando em consideração a dupla jornada que enfrentam entre o trabalho fora de casa e o trabalho dentro de casa, muitas delas optam por este tipo de trabalho que permite uma maior flexibilização de seu tempo e a possibilidade de se dedicarem mais a seus filhos e a si mesmas. Elas gostariam que este tipo de posição oferecesse o mesmo status daquelas de período integral, mas isso ainda não foi conseguido (Henderson, Bialeschki, Shaw, Freysinger, 1999).

Se olharmos para o mercado de trabalho brasileiro, ainda sequer existem opções deste tipo para mulheres que desejam trabalhar meio período. Na verdade, até existem algumas, mas não são posições que exigem qualificação específica, então não interessa para a maioria das mulheres as quais se dedicaram para obter um nível superior e seriam obrigadas a abrir mão de seus conhecimentos adquiridos para atuar em uma função que provavelmente não traria nenhuma realização profissional.

Diante do cenário apresentado e dos questionamentos que a mulher vive nos dias de hoje, onde está inserido o Lazer nesta equação? Quais são as

oportunidades que a mulher passa a ter para o Lazer, seja ele familiar ou pessoal? E ainda, como ela lida com o sentimento de ter direito ao Lazer frente a uma série de responsabilidades que ela possui?

Estudiosos do Lazer sugerem que a prática de atividades de Lazer trás muito prazer e bem estar para o ser humano (e.g., Isso-Ahola & Weissinger, 1984; Kelly, 1983a; Neulinger, 1982). E segundo Dêem (1982), a problemática encontra-se, na realidade, na qualidade do Lazer e nas atitudes que estão associadas à prática do Lazer e não exatamente na quantidade. As mulheres nem sempre conseguem ter oportunidades de Lazer que sejam prazerosas, portanto, não adianta ter tempo para participar de atividades que não vão lhe trazer satisfação.

Por outro lado, o fato das mulheres terem alcançado sucesso no mercado de trabalho, proporcionou a elas uma maior independência financeira e uma maior sensação de liberdade e de gerenciamento de suas vidas. Com isso, muitas delas passaram a contratar profissionais para cuidarem de seus filhos e, desta forma, podem trabalhar sossegadas e terem seu lazer pessoal preservado até certo ponto – isso porque mesmo quando contratam ajuda, elas precisam balancear o tempo que dedicam aos filhos, ao marido e para si mesmas.

2.9

Restrições à participação em atividades de lazer

O tema Restrições ao Lazer já vem sendo estudado desde os anos 60, mas começou a ganhar importância na década de 80, quando houve a publicação de uma série de artigos (Boothby, Tungatt & Townsend, 1981; Francken & Van Raiji, 1981; Romsa & Hoffman, 1980; Witt & Goodale, 1981) os quais trouxeram novas questões anteriormente não investigadas (Jackson, 1999).

A maior parte dos estudos realizados na década de 80 focou primordialmente nos fatores que inibiam a participação dos indivíduos em atividades desejadas (Jackson & Scott, 1999). Nesta época trabalharam-se duas suposições com relação às restrições ao Lazer (Jackson, 1999):

1. Barreiras são intransponíveis, estáticas e constituem-se em obstáculos à participação;
2. A principal consequência causada pela presença das barreiras é impedir ou limitar a participação.

Nesta época também muito pouca atenção foi dada ao impacto ocasionado pela presença de barreiras na participação dos indivíduos em atividades de lazer, bem como seu efeito na preferência por determinada atividade. A análise realizada focou apenas no resultado “não participação”. Assumiu-se, então, que se um indivíduo participa de uma atividade é porque não enfrentou nenhum tipo de barreira e, analogamente, aquele que não participou, enfrentou algum tipo de barreira.

Em 1987, Crawford e Godbey conseguiram ampliar os estudos sobre restrições ao lazer, criando um modelo que propõem que as barreiras não atuam somente interferindo no relacionamento entre preferência e participação, mas sim influenciando tanto uma quanto a outra. Para tanto, este modelo identifica três fontes primordiais de barreiras à participação em atividades de lazer: barreiras intrapessoais, interpessoais e estruturais.

As barreiras intrapessoais tratam de aspectos psicológicos dos indivíduos e de atributos que influenciam suas preferências de lazer. No entanto, não interferem entre a preferência e a participação. Alguns exemplos de barreiras intrapessoais incluem stress, depressão, ansiedade, religiosidade, comportamento e atitudes de grupos de referência (amigos e família), capacidade de socialização, habilidades pessoais percebidas e avaliações subjetivas do quão apropriada ou não determinada atividade de lazer parece ser (Crawford e Godbey, 1987).

Barreiras intrapessoais são instáveis e mudam sua natureza ao longo do tempo. E embora elas sejam amplamente influenciadas pelo ambiente onde se encontra o indivíduo, elas são vividas no âmbito pessoal (Jackson, 1999).

As barreiras interpessoais são o resultado da interação entre os indivíduos ou do relacionamento entre as características pessoais destes indivíduos. Elas atuam nas atividades realizadas em conjunto, afetando as preferências dos envolvidos na prática da atividade. Relacionamento entre marido e mulher e entre pais e filhos são exemplos onde podemos encontrar barreiras deste tipo. E quanto

maior o tamanho da família, maior é a chance de surgirem barreiras (Crawford e Godbey, 1987).

Um indivíduo pode experimentar uma barreira interpessoal quando é incapaz de encontrar um parceiro com o qual possa se engajar em determinada atividade de lazer. Jogar tênis é um bom exemplo neste caso, porque não existe a possibilidade da participação neste esporte a não ser que um parceiro seja encontrado (Crawford e Godbey, 1987).

No caso de outras atividades em que a pessoa deseja um parceiro, não encontra, mas consegue praticar sozinha, existe a possibilidade dela transpor esta barreira e efetivamente se engajar na atividade. Segundo Crawford, Godbey e Jackson (1993), a participação em determinada atividade de lazer não depende da ausência de barreiras, mas sim da negociação que o indivíduo faz para superá-las caso elas venham a existir. Existe uma maior probabilidade de que esta negociação venha a modificar a forma de participação na atividade do que dela não ocorrer.

As barreiras estruturais representam as restrições comumente conceituadas como fatores que intervêm entre a preferência por determinada atividade de lazer e sua efetiva participação nesta atividade. Dentre as barreiras estruturais incluem-se o estágio do ciclo de vida em que se encontra a família, situação financeira, estação do ano, clima, agenda de trabalho, existência de oportunidades de lazer (e conhecimento destas oportunidades) e opinião dos grupos de referência em relação ao quão apropriadas certas atividades são (Crawford e Godbey, 1987).

A representação do modelo de Crawford e Godbey, 1987 segue abaixo na Figura 1. Como veremos, o diagrama demonstra a atuação que cada barreira exerce sobre preferência e participação. É possível visualizar que as barreiras intrapessoais influenciam diretamente a preferência, as interpessoais impactam diretamente tanto a preferência quanto a participação, já as barreiras estruturais atuam entre a preferência e a participação.

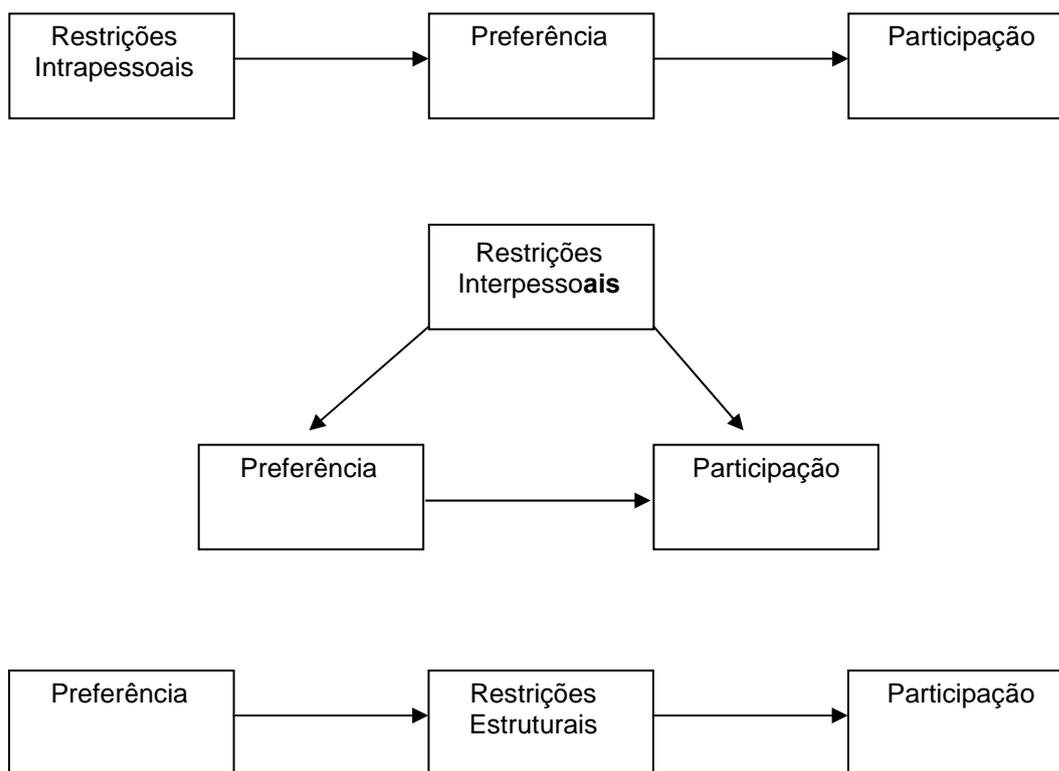


Figura 1 – Representação do Modelo de Crawford e Godbey, 1987.

Como podemos perceber, apesar de sua grande contribuição na ampliação do conhecimento deste tema, o modelo apresentado demonstra os três tipos de restrições ao lazer atuando individualmente e, conseqüentemente, influenciando de forma separada preferência e participação. Da mesma forma que os modelos desenvolvidos anteriormente, este modelo falhou em considerar o processo dinâmico em que a atuação das barreiras ocorre, bem como as possíveis negociações que os indivíduos podem fazer para transpô-las e efetivamente participar da atividade de lazer.

Neste trabalho, será utilizado o modelo de Crawford, Jackson e Godbey (1991), que buscou aprimorar o modelo Crawford e Godbey de 1987, tendo como principal objetivo torná-lo um único sistema integrado. Este modelo vem sendo amplamente utilizado por vários estudiosos na avaliação das restrições ao lazer.

Este modelo propõe que as barreiras são enfrentadas de acordo como uma hierarquia, primeiro as barreiras intrapessoais, em seguida as interpessoais e, por último, as estruturais. Conforme demonstrado na Figura 2, a preferência por

determinada atividade só acontece depois que as barreiras intrapessoais são transpostas. Dando continuidade ao processo, o indivíduo se depara com as barreiras interpessoais. Essas barreiras ganham maior relevância quando a atividade a ser realizada requer a participação de um parceiro e menor relevância quando pode ser realizada individualmente. As barreiras estruturais só aparecem quando as demais barreiras foram ultrapassadas e a participação se dá através da ausência de barreiras ou do sucesso de negociação das mesmas.

Por exemplo, uma menina deseja praticar judô. Essa não é uma atividade normalmente praticada por crianças do sexo feminino e, provavelmente, muitas de suas amigas não tenham vontade de fazer o mesmo. Portanto, a primeira barreira a ser enfrentada é a intrapessoal, lidar com o sentimento de que pode estar sendo inadequada por fazer algo muito diferente do que as amigas fazem e, especialmente, uma atividade que é predominantemente praticada pelo sexo oposto. Superando esta barreira, parte-se para as barreiras interpessoais, que neste caso poderia ser a falta de um parceiro adequado para a prática deste esporte. Isso sendo solucionado, a última etapa seria encontrar um local que ela tivesse a oportunidade de praticar o esporte. Fica claro, portanto, que esta última barreira só existiu no processo em virtude da superação das demais.

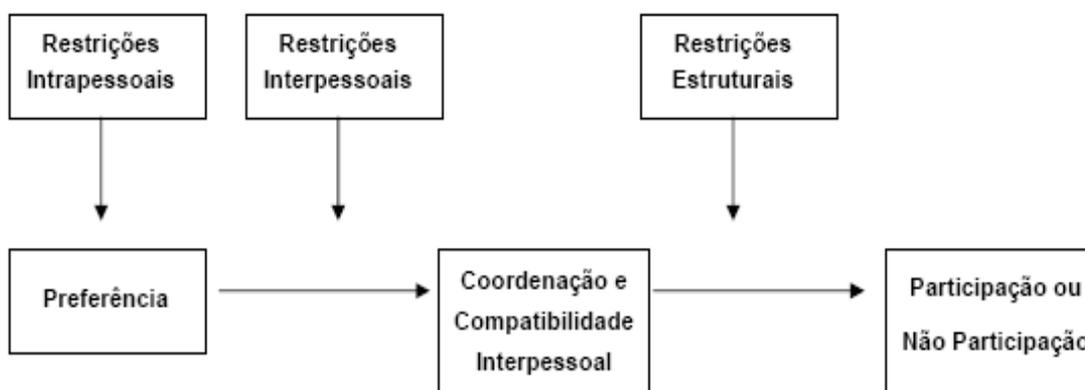


Figura 2 – Modelo hierárquico de restrições ao lazer de Crawford, Godbey e Jackson (1991).

Este modelo afirma, portanto, que as restrições são enfrentadas em uma ordem hierárquica partindo das intrapessoais – as quais são consideradas as mais importantes por estarem no nível mais próximo e por terem efeito motivacional – passando pelas interpessoais e, então as estruturais – que por serem as mais distantes, são consideradas as mais fracas e, conseqüentemente de menor importância neste processo (Crawford, Godbey & Jackson, 1991).

A participação, portanto, será resultado da ausência de restrições (em qualquer um dos níveis), do sucesso em sua negociação ou caso a restrição seja mais forte, o resultado será a não-participação (não está relacionada especificamente a nenhuma das barreiras, podendo acontecer em qualquer um dos níveis).

Segundo Jackson (1990), as pessoas com melhor nível cultural, social e financeiro, transpõem as barreiras iniciais mais facilmente e, portanto, reportam como maiores obstáculos as barreiras estruturais. Para essas pessoas, o principal impacto na participação em atividades de lazer se dá no último nível, que para elas passa ser o mais importante.

Embora o que tenha sido mencionado acima seja suportado por resultados de diversos trabalhos anteriores (Jackson, 1989; Searle e Jackson, 1985b e Washburne, 1978), não é possível simplesmente assumir que o tipo de perfil que foi traçado sempre considerará as barreiras estruturais como as mais importantes. Dado que as restrições intrapessoais tem um cunho muito individual e profundo, elas podem ter o mesmo impacto em pessoas de níveis sociais e até mesmo intelectuais completamente opostos. Por exemplo, pessoas com baixa auto-estima – independentemente da classe social a qual pertencem – podem não querer praticar determinada atividade por esta apresentar características conflitantes com seu problema de auto-estima.

Uma última contribuição implícita no modelo hierárquico apresentado aborda de forma primária o processo de negociação das restrições. Mais tarde, em 1993, o processo de negociação foi aprimorado por Crawford, Godbey e Jackson oferecendo seis proposições a seguir:

1. A participação não depende da ausência de restrições (ainda que isso seja verdade para algumas pessoas), mas da negociação das mesmas. Essa negociação pode modificar a forma como se dá a prática da atividade, mas não necessariamente impedi-la de acontecer.
2. As variações em reportar restrições podem ser enxergadas não só como influência do tipo de experiência vivida pelo indivíduo ao enfrentar barreiras, mas também nos sucessos obtidos em negociações.
3. A ausência do desejo de mudar um determinado comportamento com relação a uma atividade de lazer, pode ser explicado, ao menos em parte, pelo fato do indivíduo ter tido sucesso em negociações anteriores com relação às barreiras estruturais.
4. A antecipação de uma ou mais barreiras interpessoais ou estruturais que não conseguiram ser transpostas, pode reprimir a vontade do indivíduo em participar de determinada atividade.
5. A antecipação não diz respeito apenas a presença ou intensidade das restrições, mas sim da habilidade do indivíduo em negociar as restrições.
6. Tanto a iniciação quando o resultado do processo de negociação das restrições dependem de sua força e das interações entre as restrições e participação. E também dependem da motivação em participar da atividade.

Além das proposições acima citadas, Jackson et al. (1993, p.8) categorizaram os indivíduos em 3 tipos segundo a forma como respondem às restrições:

1. Pessoas com resposta reativa: aquelas que não participam de atividades que gostariam de participar;
2. Pessoas que obtiveram sucesso com resposta pró-ativa: aquelas que mesmo tendo enfrentado barreiras, não deixaram de participar da atividade e nem modificaram sua participação.
3. Pessoas que obtiveram sucesso parcial com resposta pró-ativa: aquelas que alteraram sua forma de participação na atividade de lazer, após enfrentarem as barreiras.

Esta tipologia apresentada no artigo de Crawford, Godbey & Jackson (1993) foi baseada em especulações e mais tarde foi comprovada através de um estudo qualitativo sobre negociação de restrições ao lazer por mulheres com problemas físicos (Henderson, Bedini, Hecht & Shuler, 1995).

Alguns autores contestaram a idéia de que as restrições ao lazer necessariamente restringem ou impedem a participação em atividades de lazer (Kay e Jackson, 1991; Shaw, Bonen e McCabe, 1991). Estudos destes autores sugerem que ameaças à participação em atividades de lazer podem ser, na maioria das vezes, superadas com relativo sucesso. A sugestão de que as pessoas são capazes de se confrontar e negociar as restrições ao seu lazer (Jackson, Crawford e Godbey, 1993; Jackson e Rucks, 1995) implica que estas restrições não são estáticas e estacionárias. Elas de fato modelam e transformam a expressão de lazer das pessoas, interagindo com as preferências e padrões de comportamento (Samdhal e Jekubovich, 1997) (Diniz, 2003).

3

Metodologia

O objetivo deste capítulo é tratar das questões metodológicas da pesquisa, quanto a sua definição, motivações e limitações, apresentando uma exposição detalhada dos passos seguidos e os procedimentos adotados para a condução do estudo: coleta, tratamento e análise dos dados. Desta forma, permitir ao leitor uma melhor compreensão e entendimento do trabalho em questão.

3.1

Tipo de Pesquisa

3.1.1

Conceituação

Para o desenvolvimento deste estudo foi utilizada a metodologia de pesquisa exploratória e, como tal, não envolveu a elaboração e/ou verificação de hipóteses previamente estabelecidas e sim a exploração de um problema oferecendo como resultado a compreensão da situação analisada.

A pesquisa qualitativa costuma ser direcionada e não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é freqüente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados.

Os métodos qualitativos são apropriados quando o fenômeno em estudo é complexo e de natureza social. Normalmente, são usados quando o entendimento do contexto social e cultural é um elemento importante para a pesquisa. Uma característica marcante dos métodos qualitativos é o envolvimento profundo do pesquisador no contexto que está sendo analisado. Neste tipo de metodologia, o pesquisador é um interpretador da realidade [Bradley, 1993].

A pesquisa qualitativa é indutiva, isto é, o pesquisador desenvolve conceitos, idéias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, ao invés de coletar dados para comprovar teorias, hipóteses e modelos preconcebidos [Reneker, 1993].

Embora exista uma diversidade entre os trabalhos qualitativos, há um conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa deste tipo (Godoy, 1995: 62):

1. Ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental.
2. Caráter descritivo.
3. Significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador.
4. Enfoque indutivo.

Considerando o que foi exposto, esta metodologia tornou-se interessante para o presente estudo uma vez que todas as questões que permeiam a realidade das mães na escolha do lazer de seus filhos, as restrições que enfrentam em seu dia-dia (sejam elas intrapessoais, interpessoais ou estruturais) e todos os aspectos envolvendo o relacionamento mãe-filho - que por si só já é algo bastante complexo - fazem parte deste trabalho e estão diretamente inseridos no contexto acima mencionado.

3.1.2

Ferramentas Qualitativas Utilizadas no Estudo

As ferramentas utilizadas para a realização da pesquisa exploratória foram a entrevista em profundidade e o grupo de foco.

A pesquisa individual em profundidade é realizada por um entrevistador que tem como objetivo extrair do entrevistado suas idéias, opiniões e argumentações que sustentem suas declarações.

Para este tipo de pesquisa o entrevistador utiliza um roteiro semi-estruturado que permite investigar o assunto de maneira livre, e possibilita o

aprofundamento dos temas previamente determinados e dos temas identificados no desenrolar da entrevista.

O grupo de foco envolve uma discussão que através de um moderador (que pode ser o pesquisador ou outra pessoa), que se utiliza de um roteiro, introduz um tópico a um grupo de respondentes e direciona sua discussão sobre o tema, de uma maneira não-estruturada e natural. Os participantes influenciam uns aos outros pelas respostas às idéias e colocações durante a discussão, estimulados por comentários ou questões fornecidos pelo moderador. Os dados produzidos por essa técnica são transcritos, acrescidos das anotações feitas pelo pesquisador e reflexões do moderador e de outros observadores, caso existam.

O uso do grupo de foco é particularmente apropriado quando o objetivo é explicar como as pessoas consideram uma experiência, uma idéia ou um evento, visto que a discussão durante as reuniões é efetiva em fornecer informações sobre o que as pessoas pensam ou sentem ou, ainda, sobre a forma como agem.

3.2

Desenvolvimento do Trabalho de Campo

3.2.1

Etapas do Trabalho de Campo

A idéia inicial era conduzir a pesquisa somente através de entrevistas em profundidade. Pensou-se em entrevistar cerca de 20 a 30 mães, pertencentes a diversas gerações, contemplando aquelas que trabalham (ou trabalhavam na época que seus filhos eram crianças) e que não trabalham.

Foi elaborado um roteiro semi-estruturado e as entrevistas foram realizadas tanto pessoalmente como por telefone, de acordo com a disponibilidade das participantes. O roteiro utilizado está disponível no capítulo 6.

No decorrer do trabalho de campo, sentiu-se necessidade de mudar a metodologia escolhida e complementar o trabalho com a utilização da metodologia de grupos de foco. Embora estivesse obtendo resultados interessantes na condução das entrevistas individuais, julgou-se que seria mais proveitoso mudar a metodologia dado que o grupo de foco possui uma série de vantagens que no caso deste trabalho faziam sentido de serem consideradas.

A principal vantagem do grupo de foco é permitir uma sinergia tal entre os entrevistados, que faz com que os resultados obtidos através da participação de todos em conjunto sejam mais ricos do que se cada um deles fosse entrevistado separadamente. Além disso, após a realização do primeiro grupo, percebeu-se que a espontaneidade e naturalidade das colocações dos entrevistados acabaram sendo bem maiores do que nas entrevistas anteriormente realizadas.

Ao decidir mudar a ferramenta de coleta dos dados, a pesquisadora inicialmente optou por fazer um grupo de foco e analisar seu resultado para, depois, avaliar como se daria a continuidade do estudo. E após a finalização do primeiro grupo, ficou claro que era esse o caminho a seguir.

Através das discussões que aconteceram durante a realização do primeiro grupo, pode-se perceber que a flexibilidade proporcionada por este método de pesquisa permitiu ao moderador abordar determinados assuntos pertinentes ao tema que não haviam sido colocados no roteiro original. Isso gerou um enriquecimento bastante significativo para o estudo. Aliado a isso, a profundidade alcançada na condução do grupo também foi bem mais satisfatória do que nas entrevistas individuais.

Usualmente, o tamanho de um grupo de foco varia entre 8 e 12 participantes. Muitas vezes grupos menores do que isso podem ser menos dinâmicos e cresce a possibilidade de que apenas alguns participantes dominem a reunião, o que exige um trabalho ainda mais direcionado do moderador que está na condução do grupo.

No entanto, o roteiro foi desenvolvido levando em consideração as necessidades de informação que o estudo exigia e isso se traduziu em ter momentos de participação quase que individual dos entrevistados. Em função disso, optou-se por fazer grupos de 5 participantes.

3.2.2

Seleção dos Sujeitos

A fim de tornar o processo de coleta de dados mais produtivo, os indivíduos escolhidos para participar da pesquisa foram selecionados por conveniência ou acessibilidade (facilidade de acesso aos entrevistados) e se deu através da rede de relacionamentos da pesquisadora com a indicação de amigos e

parentes. A pesquisadora fez uso de seu julgamento pessoal e decidiu arbitrariamente ou de forma consciente a escolha desses indivíduos.

Foram selecionadas 21 mães com idades entre 30 a 68 anos residentes, em sua maioria, na cidade do Rio de Janeiro¹ (divididas em 7 entrevistas individuais e 3 grupos de foco). Com relação aos grupos de foco, após a confirmação das pessoas que estariam dispostas a participar, optou-se por dividir as entrevistadas em duas faixas etárias onde considerou-se como fator diferenciador em primeiro lugar a idade dos filhos e secundariamente a idade das mães. Formou-se então dois grupos que foram denominados “mães mais novas” e “mães mais velhas”. Para o grupo das mães mais novas, optou-se ainda por dividi-las entre as que trabalham e as que não trabalham por questões metodológicas ligadas a condução do roteiro em cada grupo. A composição final ficou a seguinte:

- Grupo 1: mães mais novas que trabalham (5 pessoas)
- Grupo 2: mães mais novas que não trabalham ou que trabalham em casa. (5 pessoas)
- Grupo 3: mães mais velhas que trabalhavam na época em que seus filhos eram crianças. (4 pessoas)

Os resultados deste trabalho de campo são apresentados no capítulo 4, tópico que trata da Análise dos Resultados.

¹A amostra conta duas entrevistadas que residem fora da cidade do Rio de Janeiro, uma reside na cidade de São Paulo e outra na cidade de Vila Velha. Após a análise dos resultados essas duas pessoas foram mantidas na amostra por não terem sido encontradas diferenças em virtude das cidades onde residem.

3.2.2.1

Perfil das Entrevistadas

Método	Mês	Idade	Nº Filhos	Idade	Sexo	Trabalho	Ocupação/área	Estado Civil
Entrevista	Lígia	32	1	2	F	Sim	Seguradora AIG - MKT	Casada
Entrevista	Carolina	33	1	1	M	Não		Casada
Entrevista	Adriana F.	42	2	15 e 11	F	Sim	Telemar - Vendas	Casada
Entrevista	Teresa	55	3	33, 28 e 25	2F 1M	Não		Casada
Entrevista	Sylvia	55	1	25	F	Sim	Club Med - Vendas	Casada
Entrevista	Maria	57	3	33, 28 e 26	2F 1M	Não		Viuva
Entrevista	Nice	65	2	35 e 33	F	Não		Casada
Grupo	Elizabeth	33	1	1	F	Sim	COB - MKT	Casada
Grupo	Sheila	33	1	1	F	Não		Casada
Grupo	Isabela	34	1	1	M	Não		Casada
Grupo	Renata	36	2	6 7M	F M	Não*	Convites/Cartões	Casada
Grupo	Fernanda	36	2	2 2M	F F	Não**	Publicidade	Casada
Grupo	Adriana C.	37	2	8 e 5	F e M	Sim	Intelig - MKT	Casada
Grupo	Daniela	37	2	5 1	F F	Não		Casada
Grupo	Geórgia	40	1	6	F	Sim	Boticário - MKT	Casada
Grupo	Fátima	42	1	10	F	Sim	Intelig - Produtos	Separada
Grupo	Maria José	48	2	15 9	F F	Sim	Intelig - Preços	Casada
Grupo	Beatriz	48	1	20	M	Sim	Joalheira	Casada
Grupo	Eponina	63	2	36 e 32	F e M	Sim	Médica - Gastro	Casada
Grupo	Dulce	65	2	37 e 33	F	Sim	Galeria de Arte	Casada
Grupo	Bernadete	67	2	37 e 33	F	Sim	Jornalista/Advogada	Separada

* Trabalha em casa fazendo itens de festinhas infantis e cartões de visita.

** Trabalha com publicidade em casa e escolhe os clientes para não se sobrecarregar.

Obs.: Na coluna da idade dos filhos, os números acompanhados de M ao lado significam meses.

Na seleção das entrevistadas, houve a preocupação de contemplar mães que trabalham (ou trabalharam na época que seus filhos eram crianças) e que não trabalham. Da mesma forma, pensou-se em proceder com relação a idade das mães, contemplando diferentes idades para que fosse possível uma melhor identificação das diferenças existentes entre as diversas gerações. No entanto, no decorrer da pesquisa, percebeu-se que era mais importante para a formação do perfil pesquisado a idade do filho do que da mãe. Portanto, na realização da pesquisa ao fazer a escolha das entrevistadas teve-se o cuidado de adequar a idade das mães contemplando também a idade dos filhos.

3.2.3

Coleta de Dados

Conforme mencionado anteriormente, utilizou-se de mais de um método de pesquisa qualitativa para a realização deste estudo.

Para a coleta dos dados, este estudo contou com a utilização de um roteiro semi-estruturado, tanto para as entrevistas individuais quanto para o grupo de foco. No caso do grupo, o roteiro é menos “amarrado”, permitindo a flexibilidade da movimentação dos assuntos pelas participantes ao longo da discussão. Ou seja, a moderadora apenas conduz as entrevistadas para uma direção e atua sempre que necessário para mantê-las no contexto e nos temas propostos. Ambos os roteiros estão disponíveis no capítulo 6.

A coleta de dados nas entrevistas pessoais em profundidade foram conduzidas no local de maior conveniência para a respondente. Mediante a consentimento das entrevistadas optou-se pela utilização do recurso de gravação, desta forma todas as informações foram captadas sem que houvesse perda de conteúdo. Além disso, possibilitou a realização da análise de todo o material sendo o mais fiel possível ao que foi relatado pelas respondentes.

A pesquisa por telefone se deu de acordo com o horário agendado marcado pela entrevistada. Neste caso, optou-se pela utilização de uma metodologia de captura das informações diferenciada e que teve como objetivo garantir a qualidade das mesmas: as entrevistas foram gravadas através da repetição, pela pesquisadora, do que as entrevistadas mencionavam ao telefone e transcritas diretamente no computador no momento da entrevista. Posteriormente a transcrição foi enviada por meio eletrônico para a entrevistada e uma segunda conversa foi feita a fim de dirimir quaisquer dúvidas que pudessem ter surgido.

A realização dos grupos de foco se deu na residência da pesquisadora em horário acordado com as participantes. Teve-se o cuidado de convidar um número maior de pessoas para que o número final de participantes desejado fosse atingido.

Para a condução do grupo, optou-se por contratar uma profissional de pesquisa qualitativa como moderadora do grupo e também uma pessoa para fazer a transcrição de todas as informações apuradas em cada um dos grupos. Esta decisão foi tomada por várias razões:

- Parte das entrevistadas eram pessoas conhecidas da pesquisadora, o que poderia tornar difícil a abordagem de determinadas questões e o grupo poderia não ter a dinâmica desejada;
- Houve a preocupação da pesquisadora de conseguir manter o foco no roteiro. Poderia ser complicado trazer o grupo de volta para o contexto através da condução de uma pessoa familiar às participantes;
- Isentar a pesquisa de qualquer viés que uma pessoa que está muito envolvida com o estudo pode imprimir durante os questionamentos;
- Permitir a pesquisadora a prerrogativa de assistir ao grupo “de fora”, observando comportamentos, gestos, formas de verbalização de alguns comportamentos, etc.

3.2.4

Tratamento dos Dados

A análise dos dados consistiu em três atividades interativas e contínuas [Miles & Huberman, 1984]:

- Redução dos dados: processo contínuo de seleção, simplificação, abstração e transformação dos dados originais provenientes das observações de campo.
- Apresentação dos dados: organização dos dados de tal forma que seja possível tirar conclusões a partir dos dados (textos narrativos, matrizes, gráficos, esquemas etc.);
- Delineamento e verificação da conclusão - identificação de padrões, possíveis explicações, configurações e fluxos de causa e efeito, seguida de verificação, retornando às anotações de campo e à literatura, ou ainda replicando o achado em outro conjunto de dados.

3.2.5

Limitações do Método

A utilização da seleção de sujeitos como forma de composição da amostra exige cautela nas generalizações, reconhecendo a possibilidade de algumas generalizações de natureza conceitual.

Segundo Goldenberg (2000), é necessário apontar que a natureza qualitativa deste estudo traz como resultado informações que não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. Goldenberg alerta, ainda, para o fato de que o simples ato de seleção do objeto a ser avaliado através de análise qualitativa já está impregnado de juízo de valor e há que se ter em mente que o contexto da pesquisa, a orientação teórica, o momento sócio-histórico, a personalidade do pesquisador, influenciam o resultado da mesma.

4

Análise dos Resultados

Esta sessão se concentra em oferecer uma análise dos dados obtidos através da pesquisa de campo, a luz do modelo de Crawford et al (1991) e da revisão de literatura apresentada.

4.1

Perfil das Entrevistadas

Conforme já foi mencionado no capítulo que trata da metodologia da pesquisa, a escolha dos indivíduos convidados a participar desta pesquisa foi definido pelo critério de acessibilidade e se deu através da rede de relacionamentos da pesquisadora com a indicação de amigos e parentes.

Embora os indivíduos apresentem uma certa diversidade quanto às profissões desempenhadas, principalmente entre as mães mais velhas, esse fator não foi um critério utilizado no processo de seleção da amostra. O mesmo se dá com relação ao estado civil. A maioria das entrevistadas é casada e apenas três apresentam outras configurações familiares. Isso ocorreu ao acaso, assim como todos os outros aspectos como idade da entrevistada, quantidade de filhos e sexo dos filhos.

Na formação dos grupos de foco, houve a preocupação de se fazer uma divisão por faixa etária e ocupação, uma vez que se imaginou que esses dois aspectos seriam importantes para a formação de um grupo de pesquisa coeso. Fizeram parte do grupo das mães que não trabalham, duas entrevistadas que trabalham em casa, mas que apresentam o mesmo comportamento e atitudes das mães que não possuem uma ocupação específica, além das responsabilidades com a casa e com os filhos.

Após a finalização da análise dos dados coletados, verificou-se que as diferenças no perfil, principalmente no que se refere ao estado civil, não causaram diferenças nos resultados, portanto não houve a necessidade de descartar ou fazer substituição de entrevistadas na amostra final.

4.2

Barreiras Intrapessoais

Conforme foi abordado anteriormente, as barreiras intrapessoais tratam de aspectos psicológicos dos indivíduos e de atributos que influenciam suas preferências de lazer. Alguns exemplos de barreiras intrapessoais incluem stress, depressão, ansiedade, religiosidade, comportamento e atitudes de grupos de referência (amigos e família), capacidade de socialização, habilidades pessoais percebidas e avaliações subjetivas do quão apropriada ou não determinada atividade de lazer parece ser (Crawford e Godbey, 1987).

4.2.1

Cansaço

Para as mães é como se as barreiras intrapessoais não existissem, pois embora elas existam, são enfrentadas com sucesso na maior parte das vezes. O cansaço é a barreira mais mencionada e, principalmente, pelas mães que trabalham.

“Ela tem que sair todo dia tem, às vezes eu mesma levo para passear mesmo que esteja cansada, mesmo que seja um sacrifício, porque eu acho que às vezes você tem que se sacrificar em alguns momentos não é?”
(Renata, falando de sua filha).

A dedicação de algumas mulheres com seus filhos é tão intensa, que elas chegam a achar que o compromisso que elas têm com os filhos é de tal natureza, que não têm direito de participar em atividades de lazer voltadas para elas mesmas (Henderson, Bialeschki, Shaw & Freysinger, 1999). Consideram, ainda, que seria um egoísmo de sua parte pensar em lazer para si antes de pensar nas necessidades de seus filhos (Bialeschki & Michener, 1994; Green, Hebron & Woodward, 1990; Harrington, Dawson, & Bolla, 1992; Henderson & Allen, 1991; Shank, 1986).

“Eu não tinha lazer, inclusive com marido. Eu não acho que fiz certo não. Eu não me dava o direito de ter lazer” (Bia, entrevistada do grupo das mães mais velhas relatando o quanto abdicou de sua vida na época que o filho era pequeno).

4.2.2

Culpa

Uma diferença das entrevistadas que trabalham mais novas para as mais velhas é o fato das mais novas se sentirem muito mais culpadas por acharem que realmente precisam fazer todas as atividades de lazer com os seus filhos. No tempo que as mães mais velhas criaram seus filhos, o volume de trabalho que enfrentavam no dia-a-dia era muito mais tranqüilo do que hoje.

“A vantagem do meu trabalho naquela época é que era próximo de casa e eu tinha um horário de trabalho tranqüilo (9 às 18hrs), pelo menos tranqüilo se a gente comparar com o ritmo que a gente trabalha hoje, que é muito mais pesado. Além disso, eu tinha flexibilidade para sair mais cedo sempre que eu precisava, daí eu podia levar a Flávia no médico, por exemplo, ou fazer alguma outra coisa que fosse necessária” (Sylvia).

Com relação às mães que não trabalham, ocorre o oposto. As mães mais novas se dão mais o direito de não participarem de algumas atividades por estarem mais presentes no dia a dia dos filhos e, principalmente, naqueles momentos mais espontâneos quando as crianças brincam livremente em casa ou na pracinha. Já as mais velhas ainda que participassem bastante da vida dos filhos, acabavam ficando em função dos filhos em todos os momentos, até porque não tinham babá que pudesse fazer isso por elas, como é o caso das mais novas.

4.2.3

Medo

Uma outra barreira encontrada pelas mães é o medo que sentem em expor seus filhos a violência e a insegurança em freqüentar determinados locais considerados perigosos.

“Minha filha me pergunta se a gente vai passar naquele túnel (lagoa barra) porque ela ouviu várias coisas sobre ele” (Fátima). “A mudança pra pior foi a segurança” (Dulce, ao ser questionada o que tinha mudado da época que criou seus filhos para hoje). “É mesmo, as crianças saem hoje com medo de casa” (Bia, respondendo a mesma pergunta).

O medo não é comumente considerado por pesquisadores como um fator de restrição ao lazer. E quando ele surge, geralmente tem seu foco voltado para questões de segurança em atividades realizadas ao ar livre (parques, praças) ou medo de não ter habilidades para realizar determinada atividade (Ewert, 1989; Holyfield & Fine, 1997; Little, 2002; Pohl, Borrie & Patterson, 2000). Segundo Koskela (1997), o medo reflete as relações de poder existentes na sociedade, mesmo quando vistas como o produto de uma violência estrutural sistemática e não como reação ao sofrimento causado por uma violência propriamente dita.

4.2.4

Stress

O interesse pela atuação do stress na vida do homem contemporâneo tem assumido, cada vez mais, uma posição de destaque no cenário de pesquisas em Ciências Humanas. Muitos são os estudiosos empenhados em formular modelos teóricos que expliquem os processos através dos quais os organismos são influenciados por esse fator, que se configura do mal do século – o stress (Fontes, 1982).

Como não podia deixar de ser, o stress é uma barreira bastante presente na vida das mães. No caso deste estudo, esse fator foi identificado no grupo de mães mais novas. Seja porque vivem em um ambiente mais competitivo e cheio de

desafios, seja porque o fato de andar pela cidade do Rio de Janeiro por si só já se constitui em um desafio, esse aspecto representou um divisor de águas entre as gerações.

Mesmo com todas as atribuições que as mães mais velhas tinham, ter uma “jornada dupla” (trabalhar fora de casa e cuidar da casa e dos filhos) não parecia ser uma tarefa tão árdua como é para as mães de hoje. A pressão e a competitividade do mercado de trabalho eram bem menores e os horários mais respeitados.

“Eu acho que o pior é o stress, essa busca de querer sempre mais é um stress” (Dulce). “Hoje em dia tem mais stress, tem mais trânsito. Antigamente você ia trabalhar de bonde” (Bia).

4.2.5

Motivação

A motivação é um aspecto que parece estar inerente ao papel de mãe. Pela natureza de seu relacionamento com seus filhos, as mães quase sempre demonstram estar motivadas a desfrutar das oportunidades de entretenimento e lazer na medida em que elas estejam disponíveis.

“Meu final de semana é todo pra ela” (Beth, relatando o tempo dedicado ao lazer da filha).

Segundo Kotler e Armstrong (1993) a motivação pode ser influenciada por necessidades de ordem fisiológica (fome, sede, desconforto) ou psicológica (reconhecimento, auto-estima, relacionamento) mas muitas vezes essas necessidades não são fortes o suficiente para motivar a pessoa a agir em um dado momento.

No caso do público pesquisado neste trabalho, a motivação, ou melhor, a ausência dela pode representar um fator restritivo para que as mães se engajem em atividades de lazer com os filhos.

4.2.6

Algumas Considerações

O prazer dos filhos parece estar acima das barreiras intrapessoais para as mães. E, segundo a amostra pesquisada neste estudo, esta capacidade de sublimar as barreiras intrapessoais em prol dos filhos é ainda mais contundente entre as mães mais velhas. Ao serem perguntadas sobre as atividades que não gostavam de fazer com os seus filhos, praticamente não havia respostas. As mais novas, por sua vez, verbalizam o fato de serem obrigadas a fazer determinados programas que não gostam para deixarem os filhos contentes. E aquelas que têm filhos um pouco mais velhos (capazes de entender restrições e negociar programas com a mãe), relataram que negociam com eles mudanças nos programas para que elas possam ser beneficiadas.

“Lá em casa tem 2 programas que meus filhos adoram e a gente odeia que é a fazendinha, que é em Vargem Grande e o Rio Water Planet também, nós odiamos! A fazendinha você chega lá na “ppp” e não tem o que fazer! Eles têm e você não! E só tem aquele restaurante lá que é o que você tem que comer. E o Rio Water Planet é até melhor, mas aquela fila, pelo amor de Deus, tem uma fila horrorosa e uma misturada. A gente acaba negociando com eles e só vai de vez em nunca pra esses lugares. Mas acabamos fazendo algo em troca, um outro programa que agrada a eles é claro!” (Adriana).

As barreiras intrapessoais encontradas no público pesquisado refletem a realidade que esses indivíduos vivem no momento, pois elas são instáveis e mudam sua natureza ao longo do tempo. E embora elas sejam amplamente influenciadas pelo ambiente onde se encontra o indivíduo, elas são vividas no âmbito pessoal.

4.3

Barreiras Interpessoais

As barreiras interpessoais são o resultado da interação entre os indivíduos ou do relacionamento entre as características pessoais destes indivíduos. Elas atuam nas atividades realizadas em conjunto, afetando as preferências dos envolvidos na prática da atividade. Relacionamento entre marido e mulher e entre pais e filhos são exemplos onde podemos encontrar barreiras deste tipo. E quanto maior o tamanho da família, maior é a chance de surgirem barreiras (Crawford e Godbey, 1987).

4.3.1

Cônjuge

O cônjuge é apontado como a maior barreira que as entrevistadas têm que enfrentar para se engajarem em atividades de lazer com seus filhos. Os homens não só participam menos do que as mulheres em atividades de lazer com os filhos, como também têm preferência pelas atividades que envolvem exercício físico, jogos, brincadeiras ao ar livre (Horna, 1989b; Shaw, 1992b). Portanto, uma série de outras atividades, tais como festas de aniversário, parquinhos de shopping, teatro, entre outros, acabam sendo realizadas somente com as mães.

“Meu marido nunca gostou de atividades que fossem em locais fechados, tipo teatrinho, festinhas de aniversário, shopping e por aí vai. Ele só fazia os programas quando interessava a ele. Como ele sempre gostou de esportes e nós sempre gostamos de atividades ao ar livre, ele sempre ia nos programas tipo praia, Jardim Botânico, Parque da Cidade. Ele adorava ir a praia, mas ficava lendo jornal e nem olhava para as crianças (eu ficava estressada pra ver quem entrava no mar, quem saía de perto da gente, quem comia areia e por aí vai)” (Teresa) “... mas esse negócio de futebol está um saco, quando tem jogo ele já começa o dia te tratando bem, sabe o que tem hoje, tem jogo de futebol eu já tô indo... já começa te paparicando é uma coisa meio estranha assim, aí você já sabe que esta vindo o bote do jogo de futebol”... “Aí tem esse negócio do futebol que é

chato, e aí ele vai para o futebol e que se dane se a criança vai ter programa, vai sair de casa...” (Renata). “Meu marido nem ligava elas podiam estar passando mal que ele sai mesmo e nem ligava” (Bernadete). “Meu marido não vai pra festinha infantil. Ele odeia, ele só vai se tiver pai conhecido”... “Meu marido só não arranja problema quando ele gosta do programa. Cinema ele até vai, mas festinha e teatrinho ele não vai!” (Adriana).

4.3.2

Família

Os compromissos familiares, especialmente os obrigatórios (almoços de domingo com hora marcada, por exemplo) com avós, tios, primos, representam obstáculos ao lazer na medida em que limitam o restante do tempo que as crianças possuem para suas outras atividades de lazer e, muitas vezes, criam situações conflitantes entre os pais na decisão de participar ou não em determinados eventos. E, além disso, envolvem um aspecto relevante que é a cobrança existente por trás desses compromissos. Cobra-se a presença, a pontualidade, a permanência, enfim, para algumas famílias acaba sendo algo complicado de ser gerenciado.

“... tem vezes que não tem jeito, às vezes as pessoas ficam esperando ele, às vezes eu chego na casa dos meus tios, sem o Pedro é outra coisa, porque você não trouxe?”... “E no caso do meu filho, ele é o primeiríssimo, porque eu sou a neta mais velha, sobrinha mais velha, a filha mais velha, então é uma confusão, mas sinceramente eu não ligo muito para isso não, se eu achar que é melhor ele ficar em casa eu deixo ele em casa e ponto, não tem a negociação, às vezes o meu marido acha que eu fico muito de frescura, não vai levar ele.” (Isabela) “... tem sempre almoço na casa da minha avó, da minha tia, fora a família do meu marido que é enorme, então eu vou em metade, cinqüenta por cento eu não vou, mas eu tenho que equilibrar, eu tenho que estar presente de um lado e do outro, esse final de semana tem um almoço na casa da minha avó, eu não vou, eu vou para Petrópolis com o Maneco, porque se não vira uma

obrigação. E no Natal, Helena com quinze dias, o pediatra liberou para ir para Petrópolis, aí eu então tá bom, eu vou para Petrópolis, com quinze dias de nascida” ... “Aí subimos para Petrópolis e descemos no mesmo dia, para o almoço na casa da minha avó, o stress foi tão grande que eu fiquei com trinta e nove de febre” (Fernanda). “Minha sogra marcava 1 hora da tarde tinha que estar todos lá na casa dela era um porre estar lá, era um saco. Eu acho que tudo que é obrigação é um saco, um porre” ... “minha filha faz até hoje ar de porre quando tem que ir na casa da avó dela” (Bernadete).

4.3.3

Filhos

Os filhos também foram citados como barreiras à realização de seu próprio lazer. Muitas vezes querem algo que não é possível e o que é possível não lhes agrada.

A falta de um amiguinho para fazer um determinado programa pode ser uma barreira que a criança enfrenta diretamente, mas é a mãe que terá que lidar com o problema. E as crianças passam por idades que ter um amigo para fazer um programa parece ser mais importante do que o próprio programa em si.

“A Flávia adorava chamar as amigas para brincar em nossa casa e também ir brincar com elas. Na verdade, meu carro vivia cheio de crianças porque mesmo quando íamos fazer programas fora de casa, muitas vezes convidávamos as amiguinhas da Flávia pra irem conosco” (Sylvia).

Segundo Crawford e Godbey (1987), um indivíduo pode experimentar uma barreira interpessoal quando é incapaz de encontrar um parceiro com o qual possa se engajar em determinada atividade de lazer. Jogar tênis é um bom exemplo neste caso, porque não existe a possibilidade da participação neste esporte a não ser que um parceiro seja encontrado.

4.4

Barreiras Estruturais

De acordo com o que foi mencionado no capítulo 2, as barreiras estruturais representam as restrições comumente conceituadas como fatores que intervêm entre a preferência por determinada atividade de lazer e sua efetiva participação nesta atividade. Dentre as barreiras estruturais incluem-se o estágio do ciclo de vida, situação financeira, clima, agenda de trabalho, entre outros (Crawford e Godbey, 1987).

4.4.1

Tempo

As mulheres obtiveram uma série de ganhos nas últimas décadas em termos de atividades que eram supostamente adequadas só para os homens e agora estão acessíveis as mulheres também. Além disso, obtiveram o reconhecimento de que as mulheres precisam ter lazer para elas mesmas – o que só era “aceitável” para os homens. Esses ganhos, no entanto, não querem dizer que as mulheres efetivamente têm as mesmas oportunidades de acesso ao lazer que os homens. Pesquisas demonstraram que as mulheres têm menos acesso e menos recursos do que os homens para a prática do lazer (Shaw, 1985b).

Com o aumento da inclusão da mulher no mercado de trabalho Americano e Canadense (e.g., Gratton & Holiday, 1995; Schor, 1991; Shaw, 1990a), por exemplo, observou-se um aumento do stress e das doenças a ele associadas e uma redução significativa na participação da mulher em atividades de lazer (Schor, 1991). Essa falta de tempo para o lazer é particularmente mais presente para as mulheres que precisam conciliar suas responsabilidades de dona de casa, cuidados com os filhos e ainda um trabalho formal (Hochschild, 1989). As mulheres que possuem crianças pequenas são particularmente mais afetadas, envolvendo uma porção ainda maior do seu tempo e, com isso, diminuindo seu tempo de lazer (Horna, 1989b; Shank, 1986; Shaw, 1985a).

Corroborando com a literatura apresentada, para o público pesquisado, o tempo é o fator mais citado como impeditivo à participação em atividades. E isso

se apresenta com muito mais intensidade entre as mães que trabalham, embora faça parte da rotina das que não trabalham em menor escala.

“Eu trabalho com eventos, e o pan-americano é uma grande fábrica de fazer eventos esportivos e eventos esportivos e evento de entretenimento então só são feitos finais de semana, antes não era problema, mas agora com filha é complicado. Agora está sendo bem pesado. Fora que eu moro em Laranjeiras e o escritório fica na Barra, eu fico 3 horas às vezes no trânsito. Na época de natal eu ficava 2 horas só pra voltar pra casa por causa daquela árvore bendita. Eu sou muito infeliz” (Beth). “Fiquei um ano sem fazer preventivo. Eu queria chegar correndo do trabalho pra ficar com a minha filha e não ir pra uma academia. Teve uma época que apareceu uma bola nas minhas costas e eu queria ir ao médico pra saber o que era e não consegui, a bola foi e voltou e nada, não fui ao médico” (Geórgia).

As mães mais velhas não sentiam que a pressão do tempo era fonte de tanta pressão em suas vidas. Elas relataram que até tinham tempo de brincar com seus filhos durante a semana. Isso se deve a três fatores: a carga horária de trabalho era menor; não tinham reuniões de última hora e não lidavam com as imprevisibilidades que as mães de hoje enfrentam – reuniões de última hora, apresentações que precisam ser preparadas a toque de caixa, entre outras coisas que afetam sobremaneira o dia-a-dia das mães que estão no mercado de trabalho neste momento; e, conseqüentemente, tinham uma rotina de trabalho bem menos estressante.

“A vantagem do meu trabalho naquela época é que era próximo de casa e eu tinha um horário de trabalho tranquilo (9 às 18hrs), pelo menos tranquilo se a gente comparar com o ritmo que a gente trabalha hoje, que é muito mais pesado. Além disso, eu tinha flexibilidade para sair mais cedo sempre que eu precisava, daí eu podia levar a Flávia no médico, por exemplo, ou fazer alguma outra coisa que fosse necessária” (Sylvia)
“Hoje em dia a mulher que sai às 6 da tarde é milagre. Antigamente a vida era mais calma” (Bia). “Minha filha trabalha muito mais do que eu

trabalhei na minha época, mas acho que ela equacionou muito bem, ela tem 3 filhos e tem 3 babas, tem motorista. Ela tem uma boa estrutura com as crianças. O pouco que ela fica com as crianças tem qualidade porque não adianta você tem quantidade e não ter qualidade” (Eponina). “Antigamente tinha mais viúvas do que viúvos e hoje em dia é diferente. Tem mais viúvo que viúvas, a gente se desgasta mais e ainda ganha menos dinheiro” (Dulce).

Percebemos que a falta de tempo enfrentada pelas mães que estão inseridas no mercado de trabalho hoje, afetam sobremaneira o lazer dos filhos, especialmente durante a semana. Já no final de semana, apesar de estarem cansadas e, muitas vezes sem disposição para participar em atividades de lazer, as mães acabam sacrificando o próprio lazer em prol do lazer dos filhos por se sentirem em dívida.

“Como eu morava em casa eu aproveitava com eles, a gente tinha cachorro, piscina, eles andavam de bicicleta e conseguiam fazer isso durante a semana. No fim de semana a gente ia pra o aterro, quando eles cresceram eu ia pra concertos com eles, pra Cecília Meireles, teatrinho que não era tão fácil como é hoje em dia” (Eponina). “Durante a semana ela tem mais um lazer espontâneo porque a gente nem está ali perto. A minha filha brinca até sozinha, pela manhã ela brinca pouco porque o tempo é curto. À noite ela vê um filme comigo, ficamos juntas. E tem até aquelas festinhas infantis que a mãe deixa e depois vai buscar e é isso que mãe adora. Eu nunca consigo levar pra essas festinhas, mas aí eu combino com as mães que eu vou buscar” (Fátima). “Tenho conseguido sair no máximo 19h30 do trabalho, e acompanho bem as meninas, mas antes eu ficava até muito mais tarde e era bem complicado. Além de chegar mais tarde, eu chegava muito cansada. A de 15 anos me solicita muito. Lá em casa quando chego parece que tenho até que tenho mel, todo mundo me chama. É marido, é filha” (Zezé).

4.4.2

Segurança

A segurança é uma barreira estrutural que impacta fortemente toda a sociedade, e para o público pesquisado, isso não é diferente. As mães temem por sua segurança e, de maneira ainda mais forte, temem pela segurança de seus filhos.

“Eu ainda não levei a Clarice no zoológico porque na quinta da boa vista é bem perigoso. A gente ouve muito falar de coisas que acontecem ali. Hoje é mais cômodo eu ir no clube e ir na praia, ou cinema de shopping porque tem estacionamento e os cinemas de rua não tem. O que me angustia é que as crianças hoje em dia têm medo da violência. Que nem naquele filme Crash que a menina dorme embaixo da cama com medo da bala perdida, aqui ali é Rio de Janeiro” (Geórgia). “Eu acho que o que pesa muito é a falta de segurança mesmo! Meu filho vai crescer com medo de ser assaltado, seqüestrado. Hoje em dia perdemos o direito de ir e vir” (Isabela). “Eu com 12 anos andava de ônibus sozinha e hoje em dia é impossível” (Daniela). “Eu acho que segurança limita muito! Segurança virou uma barreira” (Fernanda). “Aqui no Rio a violência está muito grande. O Parque da Cidade, por exemplo, ouvi dizer que não está legal... que a frequência ficou muito ruim por causa da favela que tem ali perto. Até na praia a gente tem que ficar muito atento pra não perder as crianças e ao mesmo tempo não ser assaltados” (Teresa). “Durante o tempo que moramos no Rio, andávamos sempre alertas e nunca fomos abordados diretamente, apesar de termos presenciado cenas bastante perigosas. Quando voltamos para Vila Velha, achamos que estávamos vindo pro céu. Com um mês de escola, minha filha e a empregada foram abordadas quando voltavam a pé, já pertinho de casa. Ele levou o relógio da empregada. Queria a mochila da minha filha e a empregada pediu que não levasse, pois só tinha cadernos/livros. Caímos na real. A violência está em todo canto MESMO” (Adriana).

O trecho da coluna do professor Ubiratan Iorio no Jornal do Brasil de 26/02/2007, retrata o sentimento das pessoas que moram na cidade Rio de Janeiro. Um sentimento de impotência e de total insegurança.

“Exige resposta esta justa revolta de todas as pessoas de bem contra o estado de calamidade a que chegou a segurança pública nas grandes cidades – que o governador do Rio, corretamente, comparou a uma guerra civil - e que atingiu o cume com a inominável maldade de execráveis marginais contra o inocente Joãozinho. É verdade ser prudente não tomar decisões em momentos de insopitável tensão emocional, mas também clama aos céus que não fazer nada diante do assustador quadro atual é demonstrar irresponsabilidade, covardia ou – pior! – conivência com o crime, seja ou não bárbaro como o que vitimou o menino-mártir. Os cariocas e brasileiros, enfim, depois de anos de letargia e de aceitação passiva de discursos “politicamente corretos”, começam a bradar e cobrar por justiça. Isto é cidadania.”

Não se pode deixar de evidenciar que em função deste fator extremamente restritivo, as opções de lazer tornam-se mais limitadas do que normalmente seriam se esse estudo fosse realizado em uma localidade que tivesse um nível de segurança mais confortável. E talvez esse fator não causasse grande impacto como se pode observar nesse estudo.

4.4.3

Clima

Numa cidade como o Rio de Janeiro, que apresenta uma enorme variedade de atividades ao ar livre, o fator clima é bastante importante. Especialmente tratando-se de lazer infantil, pois as atividades ao ar livre geralmente são as preferidas das crianças. Segundo o público pesquisado, isso parece estar relacionado à sensação de liberdade que as crianças têm quando brincam ao ar livre, talvez pela falta de regras deste tipo de programa. Regras essas que já fazem parte da rotina diária delas.

“Atividades ao ar livre eram sempre as preferidas deles. Íamos muito ao aterro do flamengo também. Quando não levávamos as bicicletas, a gente alugava e as crianças se esbaldavam. O Parque da Cidade era muito legal. Fizemos muitos piqueniques e as crianças adoravam ir pra lá porque ficavam soltas e ainda tinha um riozinho que passava no meio do parque que eles acabavam entrando de roupa e tudo, saíam todos molhados... era muito gostoso” (Teresa) “Praia era um programa já certo. Tínhamos um casal de amigos que tinha quatro filhas e eles sempre estavam conosco. Então já sabíamos que tinha praia no sábado. Então, a gente acordava e via como estava o tempo. Se tivesse sol era praia, se tivesse nublado a gente sempre escolhia alguma opção ao ar livre” (Maria). “A Giulia adora ir na pracinha para correr livremente e ficar olhando os cachorros que estão por lá. Gosta de vê-los, mas ainda tem um certo receio quando eles se aproximam. Também gosta muito de atividades na água. Praia e piscina são passeios de sucesso. Fica bastante tempo brincando na piscina inflável menorzinha que levamos para a área da piscina” (Lígia).

Além de ter que contar com um clima bom para a realização dessas atividades, sabe-se que a cidade do Rio de Janeiro não tem estrutura adequada para comportar volumes muito grandes de chuva. Ou seja, quando chove muito, as atividades ao ar livre ficam impossibilitadas e o acesso a locais fechados muitas vezes fica prejudicado por enchentes e congestionamentos.

Um fato bastante relevante com relação a esta restrição é que grande parte do volume de chuva da cidade do Rio de Janeiro ocorre no período das férias de verão das crianças, nos meses de janeiro e fevereiro. E isso é um fator muito limitador para as mães que precisam organizar a agenda de atividades dos filhos neste período.

Na Figura 3 abaixo, segue uma lista das atividades preferidas pelas crianças da amostra pesquisada. As atividades ao ar livre estão presentes em quase todas as declarações de atividades preferidas.

Mães	Idade	Nº Filhos	Idade	Sexo	Lazer Preferido
L'gia	32	1	2	F	Pracinha, Piscina, Praia
Carolina	33	1	1	M	Ir pra pracinha, piscina
Adriana F.	42	2	15 e 11	F	Praia, Piscina, Aterro, Parquinho de Shopping
Teresa	55	3	33, 28 e 25	2F 1M	Praia, Piscina, Aterro, Parque da Cidade
Sylvia	55	1	25	F	Festinha de Aniversário, S'tio, Praia
Maria	57	3	33, 28 e 26	2F 1M	Praia, Piscina, Teatro
Nice	65	2	35 e 33	F	Brincar no play, S'tio, Piscina
Elizabeth	33	1	1	F	Parquinhos do Shopping
Sheila	33	1	1	F	Piscina, Praia
Isabela	34	1	1	M	Play do pr'dio, Piscina
Renata	36	2	6	F	Teatro, Piscina, Assistir TV
			7M	M	
Fernanda	36	2	2	F	Praia, Piscina, Festinha de Aniversário
			2M	F	
Adriana C.	37	2	8 e 5	F e M	Brincar na Internet, ver filme, praia, visitar amigos
Daniela	37	2	5	F	Piscina, Festinha de Aniversário
			1	F	
Ge—rgia	40	1	6	F	Piscina
Ftima	42	1	10	F	Ir no salo com a m'oe, Piscina
Maria Jos	48	2	15	F	Praia, Teatro, Viajar.
			9	F	
Beatriz	48	1	20	M	Brincar na Rua
Eponina	63	2	36 e 32	F e M	Zool—gico, Praia, Parques
Dulce	65	2	37 e 33	F	Praia, Piscina
Bernadete	67	2	37 e 33	F	Teres—polis - Brincar ao ar livre, Praia

Figura 3 – Perfil dos Filhos

* F: crianças do sexo feminino e M: crianças do sexo masculino

** Na coluna idade, a letra M representa meses.

4.5

Modelo de Restrições ao Lazer (Crawford, Godbey & Jackson, 1991) Revisitado

Corroborando com o modelo apresentado neste estudo, as restrições são enfrentadas em uma ordem hierárquica partindo das interpessoais, passando pelas interpessoais e, então as estruturais (Crawford, Godbey & Jackson, 1991).

A participação, portanto, será resultado da ausência de restrições, do sucesso em sua negociação ou caso a restrição seja mais forte, o resultado será a não-participação. No caso do público-alvo deste estudo, a não-participação é algo que praticamente não existe. A forma de participação pode até ser alterada de alguma forma, mas deixar de se engajar em alguma atividade de lazer com seus filhos é algo que praticamente não acontece com as mães pesquisadas.

Os fatores encontrados neste trabalho complementam o modelo de Crawford et al (1991), conforme sugere a Figura 4 abaixo.

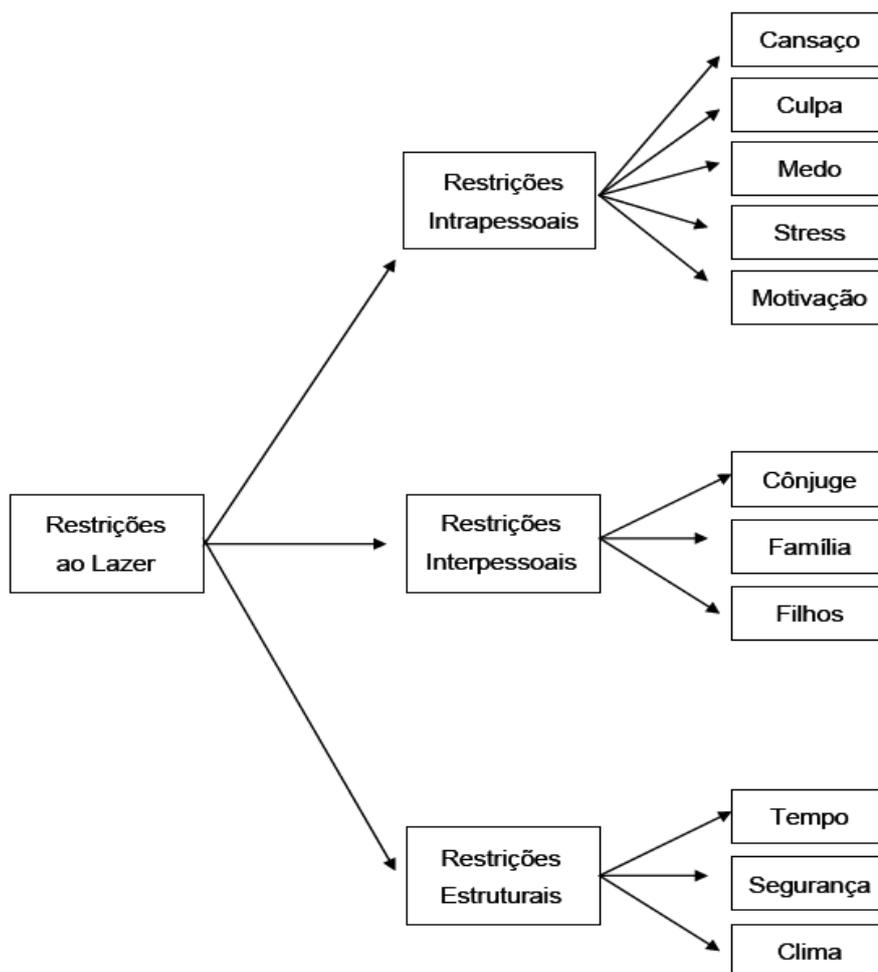


Figura 4 – Complementação do Modelo de Crawford et al (1991)

4.6

Considerações Finais

4.6.1

Cuidado com os Filhos

Duas grandes diferenças foram encontradas no cuidado com os filhos. Uma delas diz respeito à idade das mães e a outra com relação à ocupação:

- A figura da babá no cuidado com os filhos só aparece no grupo de mães mais novas. Nas décadas passadas, não era tão comum encontrarmos a figura da babá. Talvez porque culturalmente isso fosse

algo não aceitável ou até mesmo porque os costumes fossem diferentes. O cuidado dos filhos (tanto para as mães que trabalhavam quanto para as que não trabalhavam) era feito por uma empregada doméstica de confiança que também acumulava a responsabilidade de cuidar das crianças quando as mães precisavam. Uma figura mais presente na rotina diária das crianças eram as avós. As mães geralmente contavam com a ajuda das avós para dividir com elas o cuidado com os filhos e/ou supervisionar o trabalho da empregada.

“Não tinha babá, era só empregada, antigamente era uma babá que era também empregada” (Nice) “É verdade, e também a gente nem tinha grana pra isso” (Dulce). “Minha mãe me ajudou bastante” (Bernadete).

- Entre as entrevistadas mais novas, foi identificada uma diferença no cuidado com os filhos no final de semana. Quase todas as mães fazem uso da babá durante a semana, sendo que dentre aquelas que possuem filhos mais velhos (5 anos ou mais) existem as que não sentem mais necessidade de terem duas pessoas e acabam optando por uma empregada que durma na casa e faça o papel da babá quando necessário.

Nos finais de semana, a maior parte das mães que trabalham opta por não ter uma babá folguista (aquela que trabalha quando a babá está de folga), pois querem ficar mais próximas de seus filhos, uma vez que já trabalham durante a semana e têm pouco tempo para ficar com os filhos. No grupo das que não trabalham isso não acontece. Por estarem presentes na rotina diária dos filhos, fazem uso da folguista para terem seus momentos de lazer sozinha ou com o marido no final de semana.

Mães que não trabalham: *“Eu tenho babá 100% do tempo. Eu tenho babá e folguista. Eu nunca estou sozinha” (Isabela). “Tenho babá e uma folguista, tenho sempre uma pessoa 24 horas também” (Fernanda). “Eu*

não tive folguista até 7, 8 meses, aí não dava tempo pra nada, aí eu pensei: porque esse sacrifício todo! Ai o que você faz, deixa de ser prazer e fica sendo ruim. Meu marido é europeu então ele tem uma cultura diferente, ele ajuda muito, ele dá banho nela, ele sai com ela, ele acorda pra dar mamadeira, ele cuida muito dela, mas se der a hora dele correr ele larga tudo e vai. Se alguém tem que deixar se fazer alguma coisa, quem vai deixar de fazer sou eu. Hoje em dia eu fico com folguista” (Sheila). “Lá em casa também tem babá e folguista” (Daniela).

Mães que trabalham: *“Não tenho folguista por opção, nunca quis babá fim de semana” (Geórgia). “Eu tenho sábado de manhã, ela vai embora na hora do almoço” (Beth). “Quando as crianças eram menores eu tinha uma pessoa que ficava de noite como babá e durante o dia era empregada, mas hoje em dia paramos com isso. Eles não dão mais trabalho ai quando a gente sai deixamos na casa da minha mãe ou da sogra” (Adriana). “Sempre que precisamos sair de noite e não podemos levar a Giulia, contratamos uma pessoa que cuida dela na creche pra ficar aqui em casa com ela ou a deixamos na casa da minha mãe. Como não temos babá, a Giulia acabou se acostumando a fazer muitos programas noturnos conosco: restaurantes, ir à casa de amigos, etc. Durante os finais de semana, a Giulia fica comigo e com meu marido. Também não temos babá nem folguista nestes dias” (Lígia).*

4.6.2

O papel da escola

As mães mais velhas relatam que a escola tinha a função de ocupar as crianças para que elas e as empregadas ficassem liberadas para fazerem suas tarefas diárias. Já as mais novas, se mostram mais preocupadas com o desenvolvimento, a socialização dos filhos e têm a preocupação dos filhos serem supervisionados por pessoas que tenham preparo pedagógico para isso.

Mães mais velhas:

“A motivação de a Fernanda ir pra escola foi que a empregada que era babá dela foi casar, aí entrou outra e coloquei ela na escola pra empregada ter tempo de cuidar da casa também” (Eponina). *“O Marck entrou com 1 ano e meio, a motivação foi pra eu continuar a trabalhar e não sobrecarregar a minha mãe. Mas eu não pensava em socializar não”* (Bia) *“Socialização já era o dia a dia mesmo, não a escola”* (Eponina). *“É mesmo eles iam pra escola pra não ocupar muito a empregada”* (Bernadete).

Mães mais novas:

“Eu coloquei a Clarisse na creche para ela se socializar com outras crianças quando tinha 2 anos” (Geórgia). *“Eu acho um saco empregada, elas falam muito errado, eu não gosto de ficar repetindo tudo a toda hora. Prefiro colocar na creche porque lá elas são mais preparadas”* (Sheila). *“Se eu não tivesse a minha mãe me ajudando, eu com certeza colocaria na creche, porque é uma coisa mais profissionalizante”* (Beth). *“Exatamente igual o que ela falou, eu não queria que a minha filha ficasse o tempo todo com a babá, por melhor que fosse a babá. Com um ano e mês ela começou a andar e eu coloquei na creche”* (Fernanda).

4.6.3

Resgate das Mulheres

Um aspecto extremamente importante que está indiretamente relacionado ao objeto deste estudo e, que, surgiu como um sentimento muito forte nos grupos das mães mais novas é o papel da mulher na sociedade. A sensação de que a mulher conquistou muitos espaços e que as conseqüências disso trouxeram mais perdas do que ganhos é uma constante entre as entrevistadas.

“Eu tenho ódio daquelas mulheres que queimaram o sutiã, se eu pudesse eu matava elas! Eu acho legal trabalhar, eu gosto do que eu faço, mas o ritmo que temos hoje é pesado demais” (Beth). *“Eu trabalhava nas Lojas americanas e era compradora, e eu comprava produtos importados. Eu*

vivia viajando, eu viajava pra China, Taiwan, Argentina, EUA, era uma coisa maravilhosa porque eu adoro viajar, e comprar coisas, olha que delícia, mulher adora comprar. Então era um trabalho que eu me realizava demais até que eu fiquei grávida da Carol, aí eu viajei com 2 meses de gravidez fui pros EUA, com 3 eu fui pra Argentina, com 4 eu fui pra China e até os 8 meses eu fiquei fazendo viagens nacionais aí eu parei, tive neném, quando ela tinha 5 meses eu voltei e fui logo pra China e fiquei 1 mês, e o ritmo era acelerado, eu não via ela acordada. Aí parei tudo e disse que não queria isso pra mim nem pra minha filha, aí mudei de emprego. Eu continuei muito infeliz, fui pra Latasa e depois pra Intelig, eu gosto hoje de trabalhar, mas aquela realização que eu tinha, aquela coisa maravilhosa que o trabalho era pra mim antigamente não é mais hoje em dia, então hoje a Intelig me dá uma vida mais tranqüila, mas por outro lado fiquei um pouco frustrada, mas não pode se ter tudo na vida. Quando eu sai das Lojas americanas eu durante 1 mês na Latasa eu chorava porque não gostava de nada lá, aí na Intelig eu também chorava no início porque não era nada do que eu queria. Acho que no fundo a mulher tem uma carga tão grande que a gente tem essa angústia, porque alguma coisa não está legal, tem que cuidar de babá, de filho, de casa, de trabalho, de marido” (Adriana). “Esse feminismo só atrapalhou. Antes a gente fazia poucas coisas bem feitas hoje em dia a gente faz varias coisas mal feitas” (Nice).

Como vimos anteriormente, os movimentos de mulheres, nos dias atuais, não podem mais concentrar todas as suas forças na luta pela conquista da igualdade no campo do trabalho - da profissão. Há um longo caminho a ser percorrido com relação às obrigações domésticas e ao tempo do lazer, até mesmo para vivê-lo a dois, mas é fundamental que essa vivência signifique escolha conjunta do que, como e onde fazer, e não apenas submissão e concessão (Marcellino, 1996).

A busca de um equilíbrio entre vida pessoal e profissional é uma meta que as mães gostariam de alcançar. No grupo de entrevistadas que não trabalham (ou que trabalham em casa) somente uma mencionou que gostaria de voltar a

trabalhar nos moldes de trabalho que tinha antes de ter filho – como funcionária de uma empresa submetida as suas regras e horários.

“O que sinto falta é de trabalhar, sinto falta do que fazer e estou procurando emprego” (Isabela).

As demais entrevistadas estão em busca de algo que possa trazer tanto realização profissional quanto pessoal, mas isso ainda é muito difícil de encontrar no mercado de trabalho que temos hoje.

“Hoje trabalho em casa com designer e em casa, por causa da minha filha. Porque antes eu trabalhava num ritmo completamente louco, que era uma agencia de publicidade, eu trabalhava 14 horas por dia. Impossível! Aí fui trabalhar em casa, e o pior que eu achava que não ia conseguir trabalhar sozinha e foi ótimo porque os clientes mandavam trabalho de designer e não de publicidade para mim, e estou até hoje” (Fernanda). *“Quando eu tinha confecção eu e meu marido conversamos e vimos que eu tinha que dar um tempo. Porque o horário começou a ficar confuso e meu marido viaja muito. Eu até queria voltar a trabalhar, mas queria algo que não tomasse meu tempo todo” (Daniela).* *“Eu trabalhava em agência de propaganda, era muito ruim porque eu quase não via meu marido. Eu quando virei mãe aí queria curtir mais, na própria gravidez eu parei de trabalhar. Eu queria ser mãe na plenitude. Eu parei de trabalhar pra tentar ser mãe, fazer ultra som seriado trabalhando não dá né? Aí parei de trabalhar e comecei a fazer coisas que queria há muito tempo como viajar com o meu marido, eu olhei pela primeira vez pra cara da empregada (risos). Mãe de primeira viagem você quer ser a primeira a fazer aquilo, aquilo outro!” (Renata).*

4.6.4

Condomínios

O advento dos condomínios residenciais tem sido uma das melhores opções para quem deseja morar num lugar mais seguro e com boa infra-estrutura de lazer. E para as mães que trabalham, acaba sendo uma opção muito confortável porque a criança tem todas as opções dentro de um mesmo lugar, proporcionando a mãe um sentimento de tranquilidade. No entanto, na cidade do Rio de Janeiro a maior parte desses complexos estão localizados em regiões distantes de onde se encontram a maioria das empresas. Isso acaba sendo um fator de desgaste para os pais que enfrentam trânsito diariamente e o stress a ele associado, tudo isso sendo compensado pelo bem estar de seus filhos.

“Eu tenho um agravante que eu moro na Barra e trabalho em Botafogo, então eu perco muito tempo no trânsito, mas eu me sacrifico pra ter tudo dentro do condomínio. A Camila tem inglês dentro do condomínio, estuda no santo agostinho dentro do condomínio, faz natação dentro do condomínio, tudo. Assim eu fico bem mais tranqüila.” (Fátima)

O condomínio residencial traz um resgate, de uma forma diferente em sua essência, da vida que se tinha há duas ou três décadas atrás, onde era possível e, permitido pelos pais, que seus filhos brincassem na rua sem a necessidade da supervisão de um adulto.

“... desenho animado e brincar na porta da casa era o lazer deles durante a semana” (Bia). *“Meus filhos durante a semana brincavam na vila, iam pra casa da vizinha, brincava na casa de brinquedo”* (Eponina).

5

Conclusão e Recomendações para Estudos Futuros

Esta dissertação teve como objetivo contribuir para o estudo do lazer, com ênfase nas principais restrições que impedem crianças a realizarem suas atividades de lazer. Para tanto, foi utilizada uma pesquisa exploratória conduzida sob a ótica de mães pertencentes a diferentes gerações. O método adotado permitiu a identificação de alguns destes fatores restritivos, corroborando com diversos estudos anteriores sobre restrições ao lazer, tais como, participação ou não do cônjuge nas atividades de lazer da família, falta de tempo, segurança, entre outros. O estudo também pretendeu avaliar como se dá a influência do pai e da família neste cenário e medir se a variável demográfica idade e o fato da mãe trabalhar ou não desempenham alguma influência na percepção das restrições em questão.

Os resultados obtidos neste trabalho corroboraram com outros estudos sobre restrições ao lazer, mas, ao mesmo tempo, ofereceram nuances interessantes que poderão contribuir para ampliar o conhecimento deste assunto.

5.1

Barreiras Intrapessoais

Ao estudar as restrições intrapessoais ao lazer infantil sob a ótica das mães, obteve-se um resultado bastante interessante. Como em qualquer outro público pesquisado, as mães reportam uma série de barreiras intrapessoais que enfrentam quando tomam a decisão de se engajar em atividades de lazer com seus filhos, mas, no entanto, dificilmente essas barreiras impedem sua participação.

Este estudo parece indicar que a relação mãe-filho está acima de qualquer restrição intrapessoal que a mãe possa enfrentar. Fica claro que este tipo de restrição tem a capacidade de modificar a participação e, algumas vezes até resultar em não participação, mas segundo a amostra pesquisada, isso não ocorre com frequência.

Os fatores restritivos mais importantes relatados pelas mães são o cansaço e o medo. Esses dois fatores, conjuntamente com o fator stress, são diretamente

influenciados pelas restrições estruturais tempo e segurança (ou falta dela). Outros dois fatores apontados pela pesquisa foram culpa e motivação.

O cansaço já havia sido apontado em outros estudos como fator muito mencionado por mães para a não participação em atividades de lazer. O fato de as mulheres estarem participando mais ativamente do mercado de trabalho, fez com que adquirissem independência e maior liberdade financeira. No entanto, um fato que poderia se traduzir em maiores oportunidades de lazer acaba sendo bloqueado por uma diminuição do tempo livre e falta de energia para a realização de tais atividades (Deem, 1986; Green et al., 1990; Key, 1998; Shaw, 1985; Wimbush, 1989).

Foram encontradas diferenças relevantes entre o grupo de mães mais novas x mais velhas no que tange as barreiras intrapessoais, pois as mães mais velhas praticamente não apontam nenhuma das barreiras acima relacionadas como sendo sequer fatores que influenciaram sua participação em atividades de lazer. E, conforme já mencionado anteriormente, isso se dá devido à época em que criaram seus filhos:

- O mercado de trabalho não era tão competitivo e, portanto, o dia-a-dia de trabalho não impunha tantas pressões;
- A carga horária conseguia ser cumprida e até ausências para resolver problemas pessoais eram toleradas;
 - Os dois pontos acima citados justificam a ausência dos fatores: stress, cansaço e culpa. Embora em alguns momentos o fator culpa tenha vindo a tona, aconteceu em menor intensidade e não foi uma concordância do grupo.
- A segurança não era um fator negativo tão contundente como é hoje e, conseqüentemente, não existia tanto medo de se sofrer violência como as mães de hoje têm.

Ao se considerar o perfil de mães que trabalham e compará-lo com o de mães que não trabalham, encontramos divergência de comportamento no que tange os fatores stress, cansaço e culpa. Esses fatores se encontram presentes nesse grupo, mas com menor intensidade.

5.2

Barreiras Interpessoais

As restrições interpessoais permeiam este universo de forma bastante uniforme. O fator mais citado como barreira nesta categoria é o marido. Percebe-se que ao longo dos anos a participação do marido em atividades de lazer aumentou, mas ainda se constitui em uma barreira, exigindo uma série de negociações entre os cônjuges. As mães mais velhas relatam que tinham menor poder de negociação do que as mães mais novas, mas a barreira atua de forma similar em ambas as gerações.

A família entra como fator de restrição em virtude das obrigações e compromissos familiares que acabam interferindo na agenda de lazer das crianças. E, dependendo do tipo de relacionamento existente na família, esses eventos podem de fato representar um maior impedimento. No entanto, na amostra pesquisada, se mostrou como um fator de atuação mais branda e contornável.

Por fim, os próprios filhos foram apontados como fator de restrição. Negociações nem sempre são bem sucedidas quando uma das partes é uma criança – não há como prever a reação que uma criança terá, pois não tem a racionalidade de um adulto e não é capaz de compreender determinadas situações.

5.3

Barreiras Estruturais

Um estudo realizado na Austrália pesquisou o lazer de mães com filhos pequenos (Brown, Miller, Brown e Hansen, 2001), mais especificamente relacionado a atividades físicas. Os resultados mostraram que 98,6% das mães não têm tempo para realizar atividades de lazer em virtude de obrigações com seus filhos; 86,7% das respostas foram direcionadas a falta de tempo devido a afazeres domésticos; 76,2% apontaram compromissos com o cônjuge como sendo um fator de falta de tempo para atividades físicas; 74% relataram falta de energia para se engajar neste tipo de atividade; e 74% apontaram compromissos de trabalho como impedimento.

Corroborando com o estudo acima mencionado e com outros trabalhos sobre restrições ao lazer que relatam o mesmo resultado a respeito da falta de

tempo para atividades de lazer (Horna, 1989; Marcus et al, 1994; Searle & Jackson, 1985; Shaw, 1985; Shaw et al., 1991), a amostra pesquisada neste estudo apontou o fator tempo como sendo o mais restritivo à prática de atividades de lazer dentre as restrições estruturais. Mesmo para o grupo de mães que não trabalham, este também se configura como o fator mais restritivo.

A segurança vem em segundo lugar, mas nem por isso deixa de ser relevante, especialmente se considerarmos que esta pesquisa foi feita com pessoas que residem ou já residiram na cidade do Rio de Janeiro, a qual vem enfrentando problemas constantes de violência e impunidade.

Por fim, o clima apareceu como uma outra barreira estrutural que interfere na prática do lazer infantil. A topografia da cidade do Rio de Janeiro, com a presença da lagoa Rodrigo de Freitas, os parques disponíveis e a praia, estimula a prática de atividades ao ar livre e esse tipo de atividade geralmente é preferida por grande parte das crianças.

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos com crianças entre 6 e 12 anos de idade de todo o Brasil, 60% declararam gostar de brincar em parques, praças e espaços públicos em geral, 55% gostam de brincar na terra/areia e 40% na praia/rio. Esses números corroboram com os resultados obtidos na amostra pesquisada neste trabalho.

Uma reportagem veiculada no Jornal Hoje de 24/02/2007 (programa jornalístico da TV Globo) sobre a pesquisa acima mencionada, complementa a questão das barreiras estruturais. *“O trânsito e a violência limitaram os espaços de diversão da garotada. E o corre-corre da vida moderna afastou os pais das brincadeiras. Pouco mais da metade dos entrevistados (53%) diz que brinca diariamente com os filhos. “De noite, quando chego em casa, eu brinco um pouquinho, mas logo ela [a filha] dorme porque ela fica o dia inteiro no colégio”, conta uma mãe”*.

5.4

Recomendações para Estudos Futuros

Este trabalho investigou os fatores que restringem a prática em atividades de lazer pelo público infantil e, para tanto, utilizou como objeto de estudo as mães pertencentes a diferentes gerações. No entanto, não fez parte do escopo de

pesquisa abordar os motivos que influenciam uma maior ou menor frequência de participação em tais atividades. Essas questões poderão ser aprofundadas em estudos posteriores.

Conforme já mencionado anteriormente, o público infantil vem sendo estudado com mais afinco nos últimos anos, mas o assunto do lazer voltado para esse público ainda é muito incipiente. Este trabalho serve como contribuição para futuros estudos voltados pra o lazer infantil, bem como as nuances que envolvem as decisões das mães e o envolvimento da família como um todo.

No tópico que trata das Delimitações do Estudo, fica claro que este trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa com amostragem por conveniência, que trabalhou com um nicho específico de mercado focado na classe A e residentes (em sua maioria) na cidade do Rio de Janeiro. Desta forma, não podemos generalizar os resultados aqui obtidos para outros públicos ou mesmo para indivíduos que tenham o mesmo perfil mas que residem em outras localidades.

5.5

Considerações Finais

Como contribuição para as empresas que atuam no segmento de entretenimento na cidade do Rio de Janeiro, fica clara a importância da oferta de estabelecimentos que ofereçam uma infra-estrutura que proporcione conveniência e segurança.

Neste sentido, a localização do empreendimento é um aspecto muito importante, porque considerando a cidade em questão, muitas localidades podem gerar desconforto e insegurança no público-alvo. Em termos de conveniência, sugere-se que o local tenha estacionamento – esse fator foi bastante mencionado pelas entrevistadas como fator relevante ao decidir frequentar um determinado lugar ou não.

Referências bibliográficas

BOONE, L. & KURTZ, D. **Contemporary Marketing**. South-Western, Thomson Learning, 2002.

BRADLEY, F. **Strategic Marketing: In the Costumer Driven Organization**. Chicester, West Sussex, England; Hoboken, NJ; John Wiley, 2003.

BRADLEY, J. **Methodological Issues and Practices in Qualitative Research**. LIBRARY QUARTERLY, V. 63, N. 4, P. 431-449, OCT. 1994.

BROWN, P.; BROWN, W.; MILLER, Y. & HANSEN, V. (2001). **Perceived Constraints and Social Support for Active Leisure Among Mothers with Young Children**. Leisure Sciences, 23:131-144.

CABRAL, F. **Jogos eletrônicos: simples passatempo?** Referência obtida na Internet através do site www.multirio.rj.gov.br. Acesso feito em Dezembro de 2006.

CAMARGO, L.O. (1992), **O Que é Lazer**. Editora Brasiliense. São Paulo.

CARTER, M. (2004). **Mudança na Família Afeta Publicidade**. *Copyright* Folha De S. Paulo / Financial Times, 4/11/04.

CRAWFORD, D.; JACKSON, E. & GODBEY, G. (1991). **A Hierarchical Model of Leisure Constraints**. Leisure Sciences, volume 13, pp. 309-1320.

CRAWFORD, D. & GODBEY, G. (1987). **Reconceptualizing Barriers to Family Leisure**. Leisure Sciences, volume 9, pp. 119-127.

DINIZ, F.M.B. **Restrições ao Turismo de Consumidores de Mais Idade** / Fernanda Maria Braz Diniz; Orientador: Paulo César Motta. – Rio De Janeiro : PUC, Departamento De Administração, 2006.

DUMAZEDIER J. (1873) **Lazer e Cultura Popular**. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva.

FREYSINGER, V.J. (1994). **Leisure with Children ans Parental Satisfaction: Further Evidence of a Sex Difference in the Experience of Adult Roles and Leisure**. Journal Of Leisure Research; V26, N.3, P212-226.

GLAZIER, J.D. & POWELL, R.R. **Qualitative Research in Information Management**. Englewood, Co: Libraries Unlimited, 1992. 238P.

GODOY, A.S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, V.35, N.2, Mar/Abr, 1995.

HENDERSON, K.; BIALESCHKI, M.D.; SHAW, S. & FREYSINGER, V.J. (1999). **Both Gain and Gaps – Feminist Perspectives on Women's Leisure**. Venture Publishing, Inc.

HONIGMANN, D. (2005) **Crianças Superpoderosas**. Pesquisa Publicada no Jornal Financial Times, Traduzida e publicada pela Folha de São Paulo em 15/05/2005.

IBGE (1996/2002/2003). Referência obtida na Internet www.ibge.gov.br. Acesso feito em Dezembro de 2006.

_____ Pesquisa de Orçamentos Familiares (1996).

_____ Pesquisa de Orçamentos Familiares (2002/2003).

_____ Sistema de Informações e Indicadores Culturais (2003).

INMETRO/IDEC (2002), **Publicidade e Consumo – Coleção Educação para o Consumo Responsável**. Execução editorial Idec.

INSTITUTO IPSOS (2006), **A descoberta do Brincar**. Estudo realizado em 77 cidades brasileiras, coordenado pelo Instituto Ipsos, com colaboração de entidades ligadas à criança, e patrocinado pelo Instituto Unilever.

IORIO, Ubiratan (2007). **Um Só Clamor: Justiça!** Coluna Publicada no Jornal do Brasil em 26/02/07.

JACKSON, E.; CRAWFORD, D. & GODBEY, G. (1993). **Negotiation of Leisure Constraints**. Leisure Sciences, volume 15, pp. 1-11.

JACKSON, E. (1999). **Constraints to Leisure**. Venture Publishing, Inc.

JAPIASSU, C. (2007), **A Criança é a Bola da Vez**. Referência Obtida na Internet www.multirio.rj.gov.br. Acesso feito em Fevereiro de 2007.

KOTLER, P. & ARMSTRONG, G. **Princípios de Marketing**. 5ª Ed. Rio de Janeiro, Prentice Hall, 1993.

LEITE, C.B. (1995), **O Século Do Lazer**. São Paulo, Ltr.

MARCELLINO, N. (1996), **Estudos do Lazer: Uma Introdução**. Editora Autores Associados. São Paulo.

MOWEN, J. & MINOR, M. **Comportamento do Consumidor**. São Paulo, Prentice Hall, 2003.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAUDE (2001), Relatório sobre a saúde no mundo - **Saúde Mental: Nova Concepção, Nova Esperança**.

PATTON, M.Q. (1980), **Qualitative Evaluation Methods**. Beverly Hills, CA: Sage, 1980. 381p.

PEREIRA, R.M.R. (2003), **Nossos Comerciais, Por Favor!: Infância, Televisão E Publicidade**. Rita Marisa Ribes Pereira; Orientador: Leandro Konder. – Rio de Janeiro - Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação.

PETER, J.P. & OLSON, J.C. **Consumer Behavior and Marketing Strategy**. 7ª Ed. Mc Graw Hill/Irwin series in marketing, 2005.

RENEKER, M.H. (1993) **A Qualitative Study of Information Seeking Among Members of an Academic Community: Methodological Issues and Problems.** Library Quarterly, V. 63, N. 4, P. 487-507, Oct. 1993.

ZABRISKIE R.B. & MCCORMICK B.P. (2001), **The Influences of Family Leisure Patterns Patterns on Perceptions of Family Functioning.** Journal Of Leisure Research; V50, N.3, P281-288.

ZABRISKIE, R.B. & MCCORMICK, B.P. (2003), **Parent And Child Perspectives Of Family Leisure Involvement And Satisfaction With Family Life.** Journal Of Leisure Research; V35 I2 P163(27).

7

Anexos

7.1

Roteiro Entrevistas em Profundidade

1. Informar o ano de seu nascimento
2. Informar aonde reside – cidade, bairro
3. Número de filhos
4. Idade dos filhos (no caso da entrevista ser feita com mulheres que possuem filhos acima da idade definida, pedir que as mesmas relatem suas experiências relativas ao período em que as crianças tinham entre 0 e 12 anos incompletos).
5. Estado civil
6. Ocupação: relatar como é sua rotina (falar de seus afazeres tanto pessoais quanto àqueles dedicados aos filhos):
 - ➔ Mães que não trabalham: relatar carga horária semanal dedicada a atividades obrigatórias (supermercado, cursos, pagamentos diversos, etc...) e esporádicas (cabeleireiro, médico, lazer sem os filhos, etc).
 - ➔ Mães que trabalham: relatar carga horária semanal de trabalho (em horas e frequência com que se ausenta em viagens a trabalho) e carga horária dedicada a outras atividades obrigatórias e também esporádicas.
7. Ocupação do pai da criança: relatar como é sua rotina (falar de seus afazeres tanto pessoais quanto àqueles dedicados aos filhos). Relatar carga horária semanal de trabalho (em horas e frequência com que se ausenta em viagens a trabalho) e carga horária dedicada a outras atividades obrigatórias e também esporádicas.
8. Quem é(são) as pessoas responsáveis por cuidar do seu filho? Durante a semana e nos finais de semana. (identificar a figura da babá/parentes que cuidam da criança, bem como se existe uma rotina estruturada na qual cada pessoa fica responsável por determinada tarefa ou período do

dia/semana). Caso a criança freqüente alguma instituição (creche/escola), relatar quem fica responsável por levar e buscar, bem como o responsável por ele quando não está na instituição.

9. Relatar como é a rotina do(s) filho(s) apontando quais atividades são fixas (levando em consideração as atividades que podem ser consideradas como lazer para as crianças, por exemplo, ballet, ou atividades tidas como obrigações, como curso de línguas) e com que freqüência essas atividades são realizadas.
10. Tempo médio dedicado pela mãe ao lazer junto com o(s) filho(s). Quando não é a mãe que está junto com a criança no momento de lazer, relatar o tempo dedicado por outro responsável e qual é o poder de decisão desta pessoa com relação ao lazer da criança.
 - ➔ Avaliar a diferença do comportamento da mãe com cada filho (seja pela falta de tempo para se dedicar a mais de um filho da mesma forma, seja pela diferença de idade ou preferências existentes entre os filhos).
11. Tempo médio em que o pai participa das atividades de lazer junto com a mãe e sozinho com o filho.
12. Avaliar junto com a entrevistada quanto tempo por semana seu(s) filho(s) possuem para dedicar ao lazer. Avaliar tempo de lazer espontâneo (onde a própria criança tem a prerrogativa de decidir o que quer fazer em seu momento de lazer) x lazer programado (festinhas, teatro, praia, etc...).
13. Descrever as formas preferidas de lazer de seu(s) filho(s):
 - ➔ Identificar quais as atividades que ele(s) realiza(m) sozinho(s), na companhia de algum responsável ou na companhia da mãe.
 - ➔ Apontar a freqüência com que a(s) criança(s) realiza essas atividades preferidas.
 - ➔ Relatar a freqüência da participação da mãe ou do responsável em cada atividade preferida.
14. Como se dá a escolha da atividade de lazer a ser realizada: conveniência (fácil acesso, estacionamento, horário), segurança, tempo disponível para a prática da atividade, eventos sociais (festas) que são marcados por outras pessoas, etc...

15. Relatar alguma forma de lazer que seu(s) filho(s) nunca tenha praticado e porquê? Caso ele queira praticar e não possa por algum motivo, exemplificar. Caso existam atividades que ele não goste, investigar os motivos.

7.2

Roteiro Grupo de Foco – Mães mais novas que trabalham

1. Explorar aspectos da rotina da mãe (primeiramente durante a semana): carga horária de trabalho, viagens (se costumam se ausentar de casa e com que frequência), tempo disponível para atividades pessoais (cabeleireiro, médico, lazer sem os filhos, etc), tempo disponível para o(s) filho(s) (neste primeiro momento, de forma geral não necessariamente o tempo de lazer).
2. Explorar aspectos da rotina do marido.
3. Entender como funciona a questão da responsabilidade pelo(s) filho(s): quem é(são) as pessoas responsáveis por cuidar do(s) filho(s) (durante a semana x finais de semana). Identificar a figura da empregada/babá/avó/parentes que cuidam da criança, bem como se existe uma rotina estruturada na qual cada pessoa fica responsável por determinada tarefa ou período do dia/semana, por exemplo: fica com a avó tais dias e com a outra avó tais dias; fica com a babá todos os dias com a supervisão da avó; de manhã fica com a babá em casa e de tarde a avó se encarrega da criança, etc. Caso a criança frequente alguma instituição (creche/escola), relatar qual é o período (parcial ou integral) e quem fica responsável por levar e buscar, bem como o responsável pela criança quando não está na instituição.
4. Investigar as motivações de optar por creche/escola ao invés de ficar em casa com outra pessoa no período em que ainda não estavam em idade escolar. Quando mais velhos, avaliar como se deu a escolha por escolas de meio período x período integral.
5. Explorar como se dá a participação das mães à distância (co-participação no cuidado com o(s) filho(s)). Quanto ao tempo livre do(s) filho(s) (sem atividades fixas), existe uma programação que a mãe faz para a pessoa que fica responsável seguir ou isso fica a cargo da pessoa.

6. Investigar como é a rotina do(s) filho(s) apontando quais atividades são fixas/obrigatórias, que possuem horário marcado (esportes, línguas) e com que frequência essas atividades são realizadas.
7. Entender as motivações que levaram a escolha daquelas atividades.
8. Abordar a questão do tempo que o(s) filho(s) possuem para o lazer (durante a semana e final de semana). Avaliar o tempo de lazer espontâneo (onde a própria criança tem a prerrogativa de decidir o quê quer fazer em seu momento de lazer) x lazer programado (festinhas, teatro, praia, etc...).
9. Explorar as formas preferidas de lazer do(s) filho(s) - mesmo que algumas dessas atividades ele acabe não fazendo com frequência em virtude de alguma restrição.
10. Entender como se dá a escolha da atividade de lazer a ser realizada: investigar os tipos de barreiras que podem ser encontradas (cansaço, necessidade de companhia para as mães e para os filhos, conveniência - fácil acesso, estacionamento, horário, segurança, tempo disponível para a prática da atividade, eventos sociais (festas) que são marcados por outras pessoas, etc...) e como funcionam as negociações intrapessoais e interpessoais que acontecem até a tomada de decisão para a realização ou não de determinada atividade (superar cansaço, convencer o marido, envolver ou não a família, etc.).
11. Investigar o tempo médio dedicado pela mãe ao lazer junto com o(s) filho(s) (sempre buscando durante semana x final de semana).
12. Investigar o tempo médio dedicado pelo pai ao lazer junto com o(s) filho(s).
13. Entender como funciona o momento de lazer do(s) filho(s) quando não é a mãe ou o pai que está junto com a criança no momento de lazer, relatar o tempo dedicado por outro responsável e qual é o poder de decisão desta pessoa com relação ao lazer da criança?
14. Investigar se existe alguma forma de lazer que seu(s) filho(s) nunca tenha praticado e porquê? Caso ele queira praticar e não possa por algum motivo, exemplificar.

(fazer uma rodada de colocações finais antes de entrar na próxima etapa)

15. Investigar o que as entrevistadas lembram do tempo em que foram crianças. Que atividades faziam, o lazer preferido, quem tomava conta delas, quais eram as principais preocupações de suas mães (se elas trabalhavam ou não).

16. Entender qual foi a grande mudança percebida do tempo em que o grupo foi criado para a forma como criam seus filhos agora.

7.3

Roteiro Grupo de Foco – Mães mais novas que não trabalham

1. Explorar aspectos da rotina da mãe durante a semana: tempo dedicado ao filho - seja para lazer ou outras atividades x tempo disponível para atividades pessoais (cabeleireiro, médico, lazer sem os filhos, etc).

2. Explorar aspectos da rotina do marido – identificar a participação dele nas atividades que ocorrem durante a semana na vida do(s) filho(s).

3. Entender como funciona a questão da responsabilidade pelo(s) filho(s): quem é(são) as pessoas responsáveis por cuidar do(s) filho(s) (durante a semana x finais de semana). Identificar a figura da empregada/babá/avó/parentes que dividem o cuidado da criança com a mãe. Caso a criança frequente alguma instituição (creche/escola), relatar qual é o período (parcial ou integral) e quem fica responsável por levar e buscar.

4. Investigar as motivações de optar por creche/escola ao invés de ficar em casa com outra pessoa no período em que ainda não estavam em idade escolar. Quando mais velhos, avaliar como se deu a escolha por escolas de meio período x período integral.

5. Investigar como é a rotina do(s) filho(s) apontando quais atividades são fixas/obrigatórias, que possuem horário marcado (esportes, línguas) e com que frequência essas atividades são realizadas.

6. Entender as motivações que levaram a escolha daquelas atividades.

7. Abordar a questão do tempo que o(s) filho(s) possuem para o lazer (durante a semana e final de semana). Avaliar o tempo de lazer espontâneo (onde a própria criança tem a prerrogativa de decidir o quê quer fazer em seu momento de lazer) x lazer programado (festinhas, teatro, praia, etc...).

8. Explorar as formas preferidas de lazer do(s) filho(s) - mesmo que algumas dessas atividades ele acabe não fazendo com frequência em virtude de alguma restrição.
9. Entender como se dá a escolha da atividade de lazer a ser realizada: investigar os tipos de barreiras que podem ser encontradas (cansaço, necessidade de companhia para as mães e para os filhos, conveniência - fácil acesso, estacionamento, horário, segurança, tempo disponível para a prática da atividade, eventos sociais (festas) que são marcados por outras pessoas, etc...) e como funcionam as negociações intrapessoais e interpessoais que acontecem até a tomada de decisão para a realização ou não de determinada atividade (superar cansaço, convencer o marido, envolver ou não a família, etc.).
10. Investigar o tempo médio dedicado pela mãe ao lazer junto com o(s) filho(s) (sempre buscando durante semana x final de semana).
11. Investigar o tempo médio dedicado pelo pai ao lazer junto com o(s) filho(s).
12. Investigar se existe alguma forma de lazer que seu(s) filho(s) nunca tenha(m) praticado ou pratique com menos frequência do que ele gostaria e porquê? Caso ele queira praticar e não possa por algum motivo, exemplificar.

(fazer uma rodada de colocações finais antes de entrar na próxima etapa)

13. Investigar o que as entrevistadas lembram do tempo em que foram crianças. Que atividades faziam, o lazer preferido, quem tomava conta delas, quais eram as principais preocupações de suas mães (se elas trabalhavam ou não).
14. Entender qual foi a grande mudança percebida do tempo em que o grupo foi criado para a forma como criam seus filhos agora.

7.4

Roteiro Grupo de Foco – Mães mais velhas que trabalham

Primeiro gostaria que cada uma de vocês se apresentasse, dizendo:

- (a) Nome
- (b) Idade
- (c) Se trabalha atualmente ou não – se não, com o quê trabalhavam no passado?
- (d) Nomes e idades dos filhos
- (e) Uma característica marcante: “Minhas amigas dizem que sou...”

Daqui para frente gostaria que vocês “puxassem pela memória” e recordassem como era a rotina de vocês quando seus filhos eram pequenos e vocês trabalhavam fora:

1. Como era a semana de vocês naquela época?

-Qual era a carga de trabalho?

-Qual o tempo que tinham para ficar com os filhos? Que atividades faziam?

-Tinham tempo para suas atividades pessoais? O quê faziam para si?

2. Como era a questão da responsabilidade pelos filhos?

-Com quem eles ficavam durante a semana? Quem era a pessoa responsável por cuidar deles? (entender a questão da babá vs empregada da casa)

- Havia uma rotina mais ou menos estruturada ou não? Por exemplo: ficava com a avó tais dias e com a outra avós tais dias; ficava com a babá ou com a empregada todos os dias com a supervisão de alguém ou sem supervisão de ninguém etc.

- Como acontecia a participação de vocês à distância? (ex: faziam a programação ou isto ficava a cargo da pessoa responsável pela criança?).

-E como era a rotina no final de semana?

3. Como era a rotina do marido? Eles tinham participação no dia-a-dia dos filhos ou não? E nos finais de semana? Como, no final, se dava a divisão de “tarefas” com os filhos entre os cônjuges?

4. Seus filhos entraram para a creche/escola com quantos anos? Vocês lembram quais foram as motivações para que colocassem as crianças na creche/escola naquele momento?

5. Como era a rotina dos filhos? Quais atividades eram fixas/obrigatórias, com horário marcado (esportes, línguas)? Por que os filhos foram matriculados nestas atividades?

6. Qual o tempo que seus filhos tinham para o lazer (durante a semana e final de semana?). Como se dava a divisão entre o tempo de lazer espontâneo (onde a própria criança tinha a prerrogativa de decidir o que quer fazer em seu momento de lazer) x lazer programado (festinhas, teatro, praia, etc...).

7. O que seus filhos mais gostavam de fazer em termos de lazer? Vocês gostavam disto ou tinham alguma restrição? Vocês tinham alguma preferência em relação ao lazer de seus filhos, ou seja, do que vocês gostavam de que eles gostassem?

8. Quais as maiores preocupações que vocês tinham em relação ao lazer de seus filhos? (ex: há mães que não gostavam que os filhos ficassem no play até muito tarde...)

9. Naquela época, quais eram as “barreiras” que faziam com que vocês preferissem que seus filhos fizessem isto ou aquilo em termos de lazer – ex: cansaço, necessidade de companhia para as mães e para os filhos, conveniência - fácil acesso, estacionamento, horário, segurança, tempo disponível para a prática da atividade, eventos sociais (festas) que são marcados por outras pessoas, etc...).

10. Vocês lembram como funcionavam as negociações intrapessoais e interpessoais até a tomada de decisão para a realização ou não de determinada atividade de lazer? (superar cansaço, convencer o marido, envolver ou não a família, etc.) – checar se havia algum tipo de negociação ou se respeitava-se simplesmente a hierarquia dos pais.

11. No final das contas: Qual foi a grande mudança percebida do tempo em que vocês criaram seus filhos para a forma como seus filhos criam seus netos e/ou as mães modernas criam seus filhos?

- O que mudou para melhor em termos de lazer?

- E o que mudou para pior em termos de lazer?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)